

BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 303

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: janeiro de 2020 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Janeiro/2020. Florianópolis, 2020, 57p. (Epagri. Documentos, 303).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	11
Arroz	11
Feijão	15
Milho.....	18
Soja	22
Trigo.....	26
Hortaliças	29
Alho.....	29
Cebola.....	32
Pecuária	35
Avicultura.....	35
Bovinocultura	41
Suinocultura.....	48
Leite	55

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Jr.
Economista, Dr. – Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

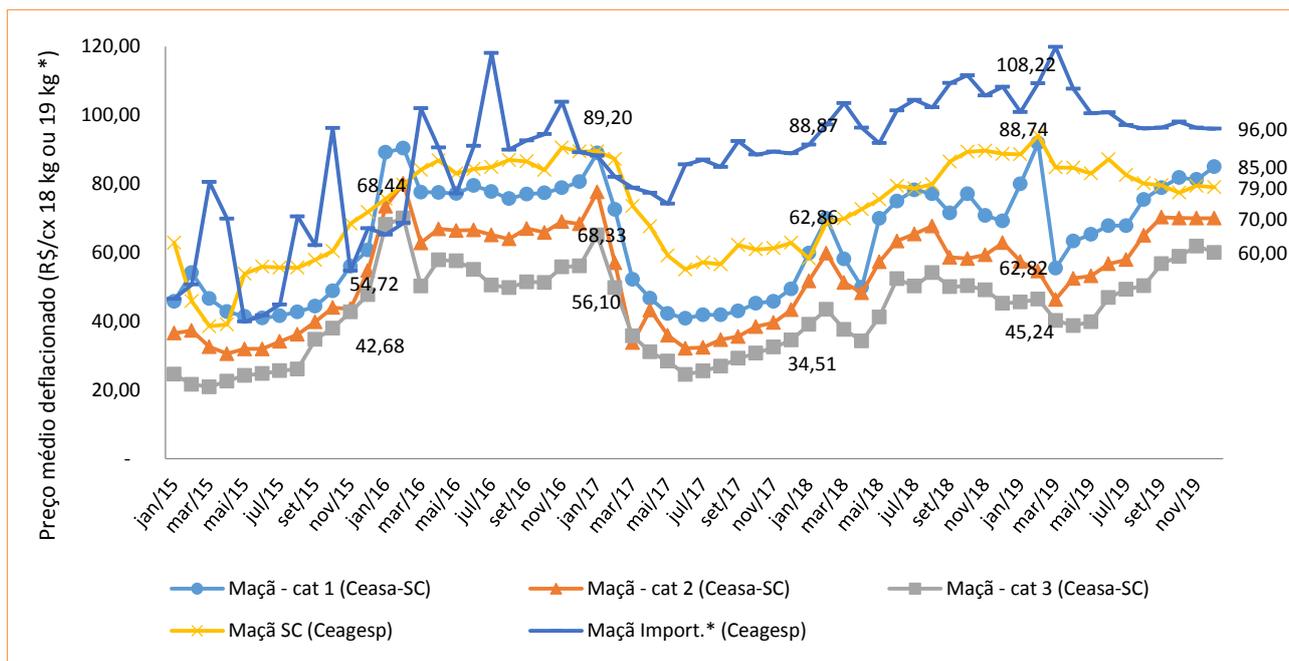


Figura 1. Maçã - evolução do preço médio mensal no atacado

(¹) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (dez/19=100)

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Na Ceara/SC, entre julho e agosto houve valorização de 11,3% no preço da maçã cat. 1, 12,2% no da cat. 2 e apenas 1,98% no da cat. 3, em função do final da colheita da maçã Fuji e da maior participação de frutas graúdas e de qualidade no total da produção da safra. Mas, entre agosto e setembro a maçã cat. 3, com oferta menor que a de outros anos, se valorizou 12,8%, com cotação referente à 72% do preço médio das frutas da cat. 1. Em setembro de 2019, o preço da cat. 1 estava 10,4% maior que o do ano anterior e em novembro estava mais 14,8% valorizado. Os preços das categorias 2 e 3 estavam 18% e 26% maiores que os valores de novembro de 2018, respectivamente. Entre novembro, e dezembro, houve valorização da maçã cat. 1 em 4,52% e desvalorização das maçãs das categorias 2 e 3, pois, com o final da comercialização dos estoques de Gala, a tendência é a valorização dos preços do estoque de maçã Fuji (de atmosfera controlada), que ainda está sendo comercializado. A estratégia das classificadoras foi comercializar as cat. 2 graúdas junto com as cat. 1 devido a excelente qualidade das frutas desta safra, enquanto as cat. 2 miúdas foram comercializadas com algumas cat. 3 para suprir as demandas de escolas no segundo semestre.

Na Ceagesp, os preços da maçã catarinense comercializada em novembro de 2019 estão desvalorizados em 11,4% frente ao ano anterior e próximos aos valores de 2016. Nestes dois anos, ocorreram as maiores médias anuais de preços da fruta na Ceagesp. No primeiro devido a quebra de safra com oferta reduzida e no segundo com maior participação de frutas com qualidade e tamanho não adequados ao mercado

atacadista, o que aumentou a demanda relativa da fruta. Ao contrário de 2019, em que a maçã catarinense comercializada apresentou maior oferta de frutas com qualidade e tamanho adequados para a comercialização na central paulistana.

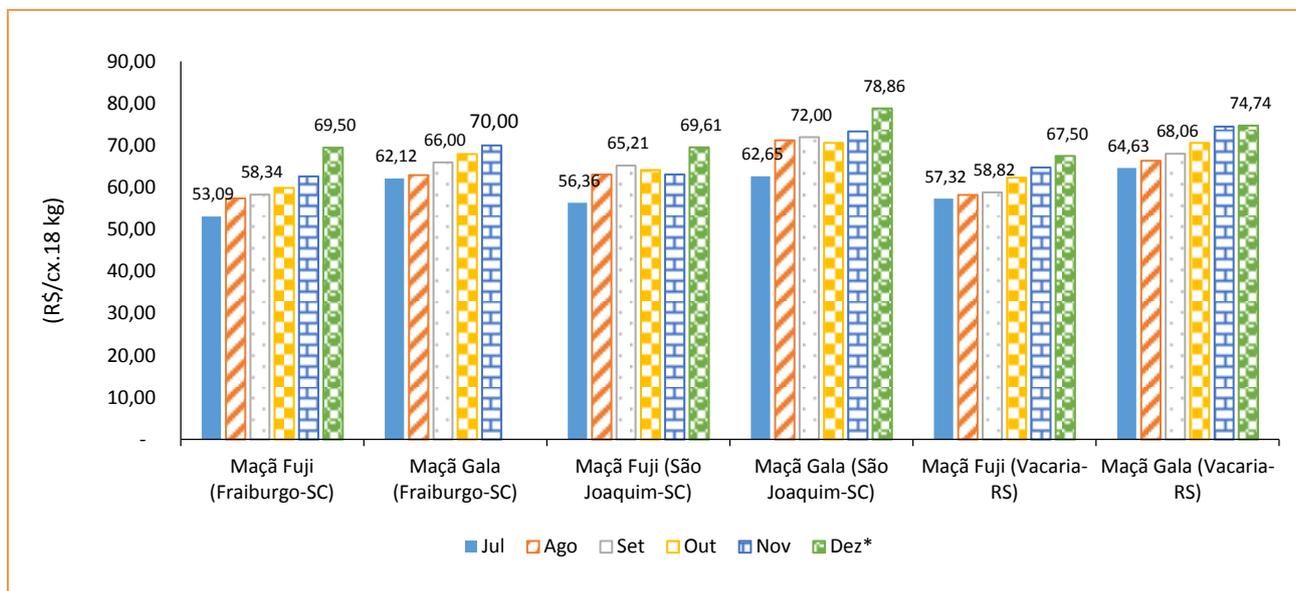


Figura 2. Maçã: SC e RS – preço médio ao produtor

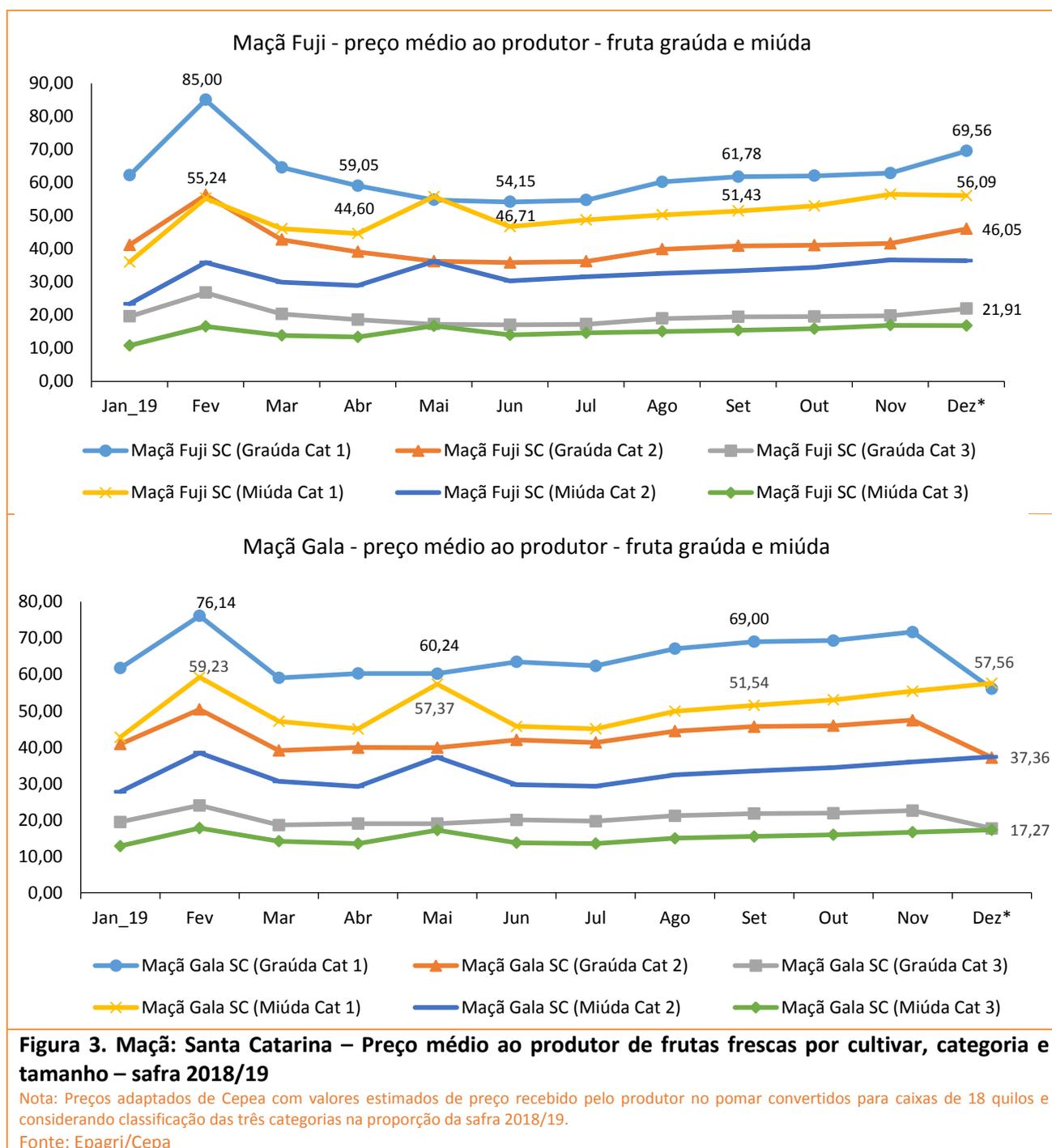
Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada; * até o dia 20 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Na região de Fraiburgo, em agosto houve aumento da procura pela maçã cat. 3 miúda devido ao início do período escolar. Mas as frutas cat. 1 e cat. 2 tinham a oferta controlada, com seus preços altos com a abertura da comercialização das frutas das câmaras frias (AC). Nos pomares as podas estavam encerrando. Em setembro, o estoque de maçãs cat. 3 estava reduzido, o que aumentou as cotações desta categoria. Já para as frutas cat.1 e cat. 2 a estratégia foi escalonar a oferta entre Gala e Fuji, com aumento do escoamento da maçã Fuji com preços mais competitivos no mercado. A oferta de frutas para a indústria foi reduzida devido a maior demanda de frutas frescas miúdas nesta safra. Em outubro, nos pomares houve o início da floração, que se estendeu até o final do mês. A ocorrência de granizo em algumas áreas produtoras não afetou as macieiras da região. Com a redução dos estoques, a cotação da maçã Gala se valorizou ainda mais no mês de novembro. Nos pomares, se deu início a frutificação e os tratamentos culturais, com pulverização de fungicidas e início dos raleios no final do mês. Em dezembro, com o atraso na colheita das maçãs precoces da safra 2019/20, houve maior valorização nos preços da cultivar Fuji (2018/19), que ainda está sendo comercializada. Nos pomares, a colheita da safra 2019/20 está prevista para o final de janeiro e início de fevereiro de 2020.

Em São Joaquim, no mês de agosto o volume comercializado de Fuji (60%) foi maior que o de Gala (40%), o que afetou as cotações das duas cultivares. Nos pomares, as horas de frio estavam abaixo da média para o período. Com isso, a poda das macieiras Fuji para a safra 2019/20 foram atrasadas em algumas semanas. Em setembro, nas classificadoras da região a oferta reduzida da Gala, com aumento de suas cotações, determinaram a maior comercialização da maçã Fuji de atmosfera controlada (AC) e com menor tempo de armazenagem. Nos pomares da região as induções de brotação foram atrasadas para a 2ª quinzena do mês, o que pode retardar a colheita da próxima safra. Em outubro, começou a estratégia das classificadoras de escalonamento entre frutas graúdas e miúdas, o que determinou a valorização nos preços da Fuji e o maior escoamento da cultivar, com a manutenção das cotações da Gala mais elevadas. No atacado, a demanda é por frutas miúdas mais competitivas. Nos pomares, houve a ocorrência de granizo em algumas localidades produtoras. Em novembro, as maçãs cat. 1, com preços valorizados, enfrentaram a concorrência de outras

frutas da estação, estimulando a importação de maçãs chilenas, argentinas, italianas e portuguesas, entre outras. Nas áreas produtoras houve a ocorrência de chuvas fortes e granizo, afetando alguns pomares da região. Em dezembro, com o final dos estoques da Gala, a Fuji graúda tem seus preços valorizados com aumento na demanda relativa pela fruta em função das festas de final de ano.



Comparativo de safras

Para a safra 2018/19 é estimado que as frutas graúdas (de 80 a 120 frutas por caixa de 18 kg) representem 58% do volume produzido, sendo o restante de frutas de menor calibre ou miúdas (135 a 180 frutas por caixa de 18 kg).

Tabela 1. Maçã: Santa Catarina – comparativo entre a safra 2017/18 e a estimativa de 2018/19

Principais MRG com cultivo de maçã	2017/18			Estimativa 2018/19			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg/ha)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produt. média (%)
Joaçaba	2.445	92.279	37.737	2.445	88.789	35.497	0,0%	-5,9%	-5,9%
Curitibanos	960	35.525	37.016	960	34.716	36.162	0,0%	-2,3%	2,3%
C. de Lages	11.961	443.300	37.063	11.920	453.305	38.029	-0,3%	2,3%	2,6%
Outras	129	3.548	27.451	130	3.786	29.123	0,6%	6,7%	6,1%
Total	15.495	574.652	37.086	15.435	578.596	37.486	0,4%	0,7%	1,1%

Fonte: Epagri/Cepa (dez 2019)

Com o final da safra 2018/19, é estimado que 46% da produção tenha sido de maçãs Fuji, 53% de maçãs Gala e 1% de maçãs precoces. Com a maior participação de frutas graúdas no total produzido, a safra 2018/19 apresentou menor quantidade de frutas, com maior tamanho e de melhor qualidade que as de safra 2017/18.

Grãos

Arroz

Gláucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

O preço do arroz em casca ao produtor seguiu ritmo de crescimento nos últimos meses. Embora este comportamento seja normal para o período do ano – finalização da comercialização da safra 2018/19 e não ter iniciado a colheita da safra 2019/20 –, a expectativa de que a estiagem prejudique a safra corrente tem mantido o mercado aquecido. Em dezembro de 2019, os preços médios reais ao produtor em Santa Catarina fecharam em R\$ 43,88 e no Rio Grande do Sul em R\$ 47,89, o que representa uma variação positiva de aproximadamente 1% em relação a novembro. Na primeira quinzena de janeiro, os preços levantados já vem mostrando sinais de que permanecerão com esta tendência, com variação de 2% em Santa Catarina e 0,9% no Rio Grande do Sul, quando comparados ao mês de dezembro (Figura 1). No Rio Grande do Sul, responsável por cerca de 70% da produção nacional, o excesso de chuvas entre setembro e outubro atrasou o plantio e a estiagem entre dezembro e janeiro deve afetar a produtividade naquele estado. Isso tem mantido os preços elevados no estado e, por consequência, a transferência de preços para Santa Catarina tem sido observada. Além das causas citadas acima para esta valorização dos preços, destaca-se que a safra 2018/19 resultou em produção menor do que a observada na safra 2017/18, em razão de problemas climáticos enfrentados pelos dois estados, o que elevou o patamar de preços desde o início da safra, comparativamente ao ano anterior.

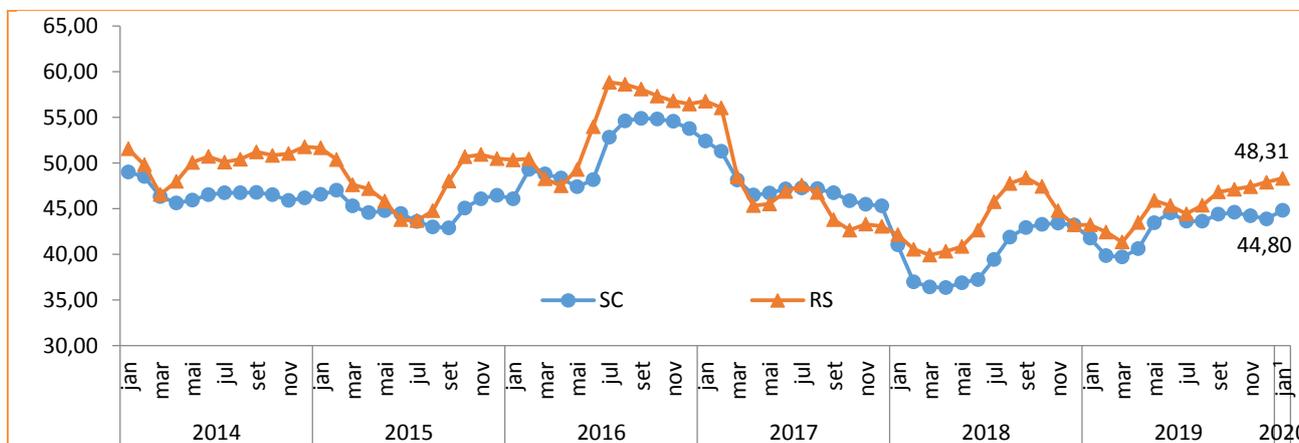


Figura 1. Arroz irrigado: Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Jan./2020) – R\$/sc 50kg

Nota: ¹ Estimativa de preços médios da primeira quinzena de janeiro de 2020.

Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS)

Mercado externo

A produção obtida na safra 2018/19 abasteceu a indústria catarinense em cerca de 76% de sua capacidade em 2019; o restante veio do Rio Grande do Sul, Paraná e países do Mercosul. A Figura 2 apresenta o valor exportado e importado por Santa Catarina de 2010 a 2019. Observa-se que as exportações totalizaram US\$ 2,8 milhões em 2019, o que equivale a 5,9 mil toneladas e corresponde a 11,5% do total exportado em 2018. A exemplo do Rio Grande do Sul, o número de parceiros comerciais aumentou significativamente no

referido ano, de 24 para 38. Os principais destinos foram Trinidad e Tobago, Namíbia e África do Sul. Do lado das importações, houve um aumento de 23% em relação ano anterior, com ampliação em países como o Paquistão, Espanha e Tailândia, caracterizados por grãos especiais, como os aromáticos. Contudo, as principais origens permaneceram sendo o Uruguai, Itália e Paraguai. A expectativa de produção menor do Paraguai na safra vigente, por ser um importate parceiro comercial do estado, também é um dos fatores de reflexos positivos no preço ao produtor catarinense.



Figura 2. Arroz: Santa Catarina: Exportações e importações (US\$ 1.000 FOB) – 2010 a 2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comparativo de safra

A safra de arroz irrigado 2018/19 encerrou apontando para uma redução na área plantada em Santa Catarina de 2,51%. Apesar da ocorrência de chuvas excessivas nas regiões produtoras, o que acabou atrasando a evolução da colheita, esta se encerrou no final do mês de maio. As informações finais resultaram em uma área de 143,4 mil hectares, produção de 1,104 milhões de toneladas (base casca) e produtividade média no estado de 7,7 toneladas por hectare. A estimativa atual da safra 2019/20 aponta para uma leve redução da área plantada, que deverá ser de 143,04 mil hectares. A baixa produtividade obtida na safra 2018/19, em razão do excesso de calor ocorrido no período de floração, deverá ser superada na safra 2019/20, fechando em 8.037 kg/ha, cerca de 4,3% maior.

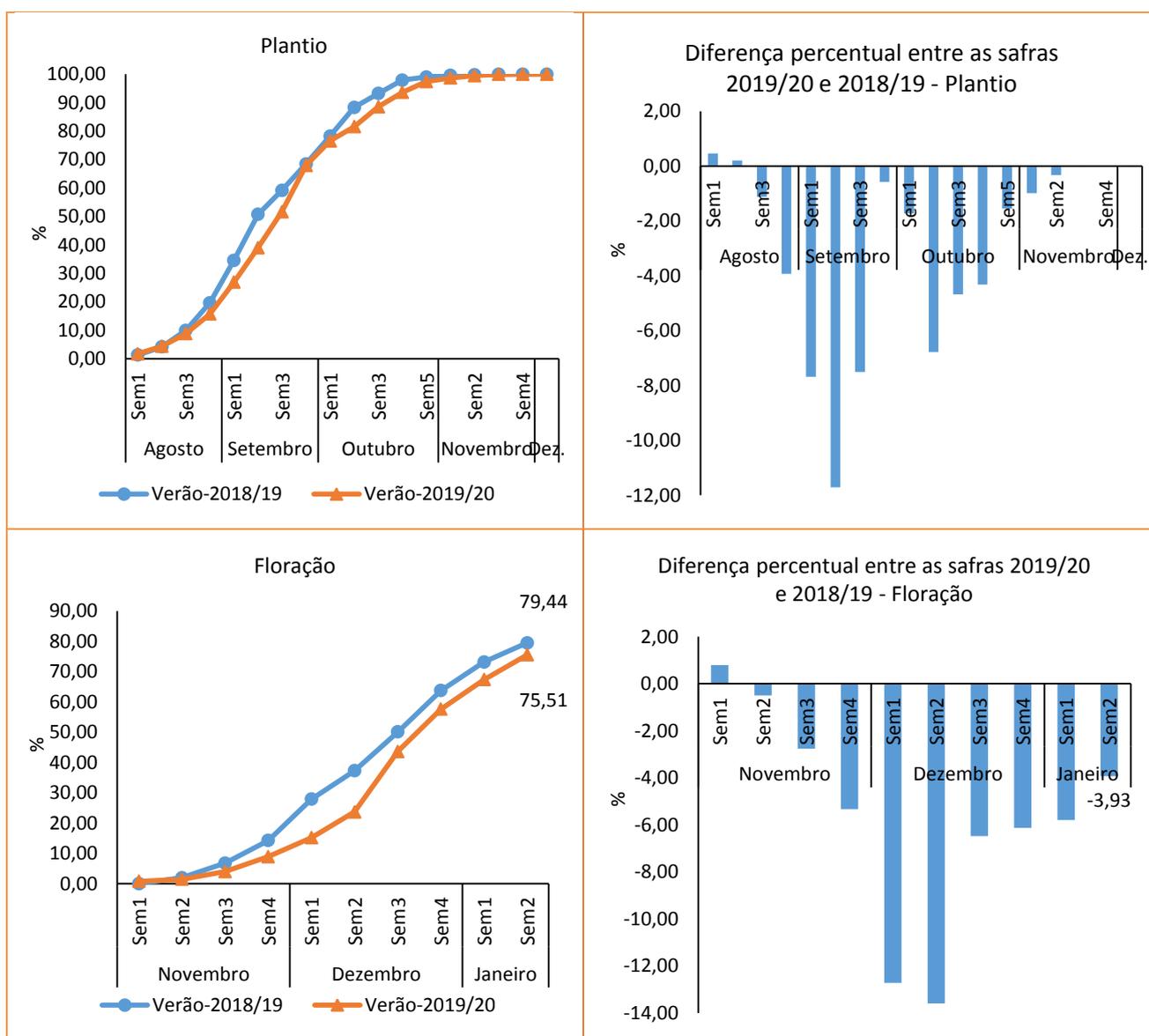
Tabela 1. Arroz irrigado: Santa Catarina – comparativo safra 2018/19 e safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa Atual - Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	383.657	7.445	51.530	404.023	7.841	0,00	5,31	5,31
Blumenau	8.222	72.177	8.778	8.265	72.300	8.748	0,52	0,17	-0,34
Criciúma	20.813	148.564	7.138	20.813	160.909	7.731	0,00	8,31	8,31
Fpolis.	1.950	13.591	6.969	2.000	13.877	6.939	2,56	2,10	-0,44
Itajaí	9.196	74.573	8.109	9.216	77.556	8.415	0,22	4,00	3,78
Ituporanga	190	1.772	9.326	190	1.615	8.500	0,00	-8,86	-8,86
Joinville	18.225	149.657	8.212	18.151	153.736	8.470	-0,41	2,73	3,14
Rio do Sul	9.782	83.759	8.563	9.763	85.644	8.772	-0,19	2,25	2,44
Tabuleiro	120	976	8.131	120	1.020	8.500	0,00	4,51	4,54
Tijucas	2.490	17.819	7.156	2.410	18.045	7.488	-3,21	1,27	4,63
Tubarão	20.927	157.910	7.546	20.588	160.907	7.816	-1,62	1,90	3,57
SC	143.445	1.104.454	7.699	143.046	1.149.632	8.037	-0,28	4,09	4,39

Fonte: Epagri/Cepa (Agosto/2019).

Comparativo de safras – Calendário Agrícola

No que diz respeito à evolução da safra em Santa Catarina, observa-se pela Figura 3 que, inicialmente, o plantio na safra 2019/20 apresentou atraso significativo em relação à safra 2018/19. Os maiores atrasos ocorreram na primeira quinzena de setembro e outubro, em razão da estiagem que atingiu o estado entre agosto e outubro. Contudo, com o retorno das chuvas em outubro, o plantio da safra encerrou dentro da normalidade, na primeira semana de dezembro. Atualmente, cerca de 75% das áreas plantadas estão em estágio de floração e 1,15% em maturação. A região em que a maturação está mais avançada é o Litoral Norte. Em comparação a safra 2018/19 observa-se um leve atraso, mas até o momento não há estimativa de perdas para esta cultura. Outro fator preocupante para as lavouras são as altas temperaturas ocorridas nessa época, que, por atingir as lavouras no período de floração, poderão resultar em redução da produtividade estimada para a safra.



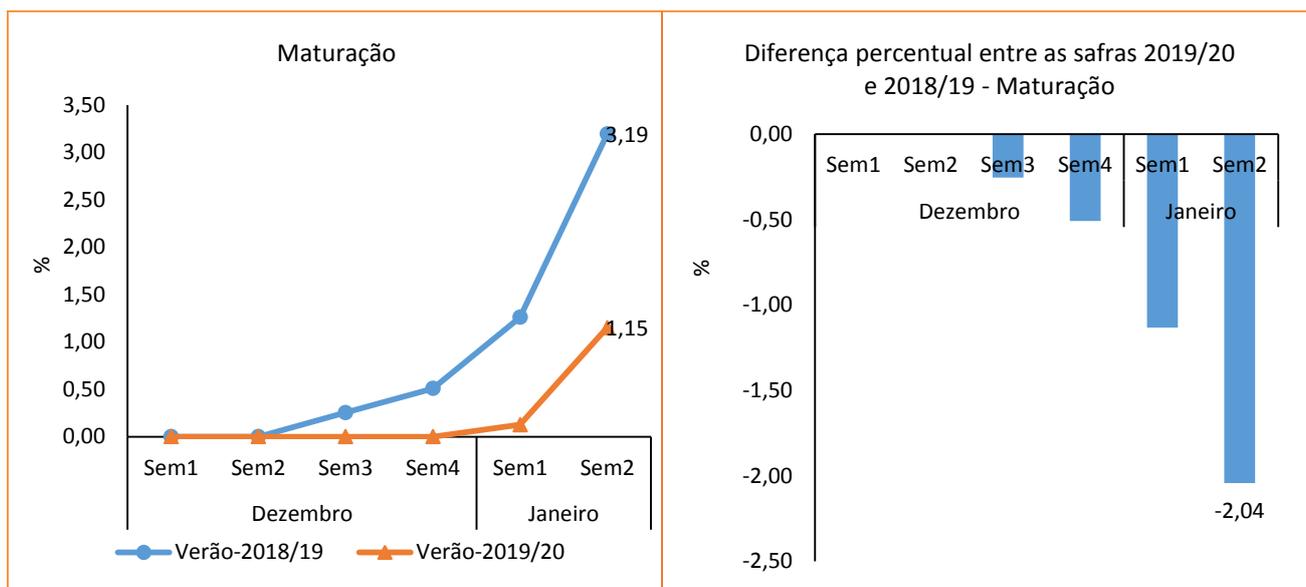


Figura 3. Arroz Irrigado: Santa Catarina - evolução dos acumulados de plantio, floração e maturação e diferenças entre as safras 2018/19 e 2019/20

Fonte: Epagri/Cepa

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mercado do feijão iniciou o ano de 2019 com as cotações registrando altas expressivas. Nos quatro primeiros meses do ano, os preços pagos aos produtores foram os mais altos dos últimos três anos. Em fevereiro, o preço médio estadual chegou a R\$ 229,37/saca 60 kg para o feijão carioca e R\$ 163,17/saca 60 kg para o preto. A partir de maio, com a entrada no mercado da terceira safra proveniente dos cultivos irrigados do Centro-Oeste, os preços começaram a baixar, inclusive porque os mercados atacadista e de varejo dão preferência na compra de produto novo, em detrimento de produto estocado a mais tempo. Nas praças de referência para a cultura no estado, que para o feijão carioca é Joaçaba, o preço ao produtor pela saca de 60 quilos chegou a R\$ 320,00, e para o feijão preto, praça de Canoinhas, registrou preços de R\$ 176,25.

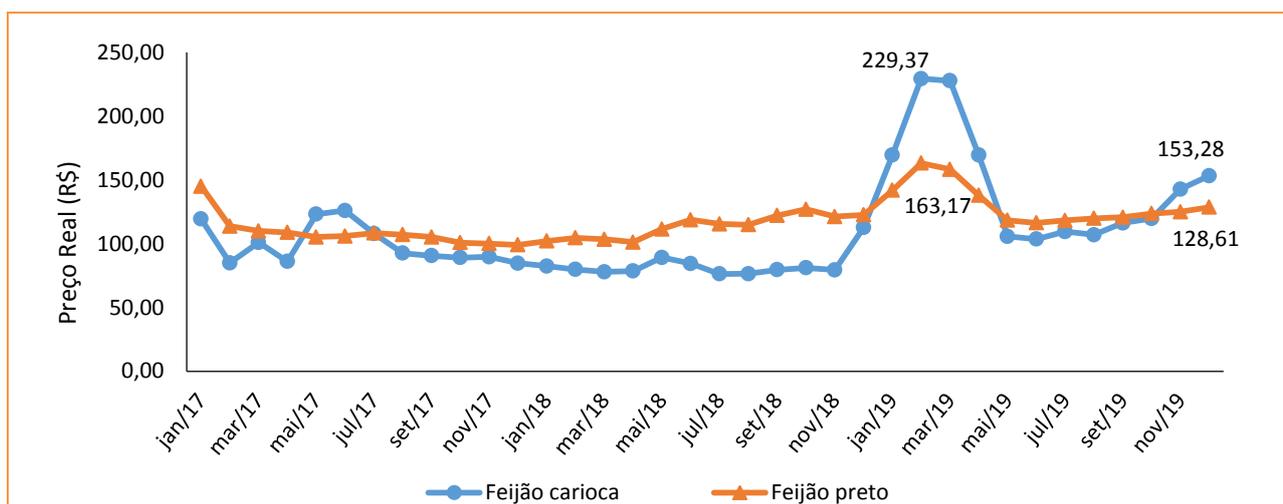


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor – 2017 a 2019.

Fonte: Epagri/Cepa

A partir de março, a fraca demanda do mercado consumidor e a baixa qualidade do produto disponível para venda contribuíram para a redução nos preços do feijão. Somente a partir do mês de agosto, se percebeu uma recuperação nos preços pagos aos produtores, com os estoques em baixa e com compradores aumentando a procura por produto, nesse caso prevalece a lei de oferta e procura, para quem tinha produto estocado de boa qualidade, o momento passou a ser de expectativa para boas negociações. O ano de 2019 encerrou com cotações em alta.

Em dezembro, no mercado catarinense o feijão carioca manteve a tendência altista, registrando aumento de 7,35% em relação a novembro. Entretanto, foi o pior preço praticado entre os estados analisados. Isso ocorreu em função da perda de qualidade, principalmente cor, do produto disponível para venda. Nos demais estados, já com produto novo disponível, as cotações alcançaram R\$ 235,58 no Paraná e R\$ 243,60 em São Paulo, para o feijão carioca. Para o feijão preto, alta de cerca de 3% em Santa Catarina e de 4% no Paraná e Rio Grande do Sul.

Tabela 1: Feijão – evolução do preço médio mensal pago ao produtor - safra 2019/20 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Dez./19	Nov./19	Variação mensal (%)	Dez./18	Variação (%) Dez./19 – Dez./18
Santa Catarina	Feijão carioca	153,28	142,78	7,35	119,11	28,69
Paraná		235,58	235,80	-0,09	123,52	90,72
Mato Grosso do Sul		223,63	225,89	-1,00	135,49	65,05
Bahia		232,34	199,31	16,57	166,25	39,75
São Paulo		243,60	246,17	-1,04	158,99	53,22
Goiás		233,33	228,20	2,25	147,92	57,74
Santa Catarina	Feijão preto	128,61	124,92	2,95	129,79	-0,91
Paraná		131,81	126,68	4,05	123,84	6,44
Rio Grande do Sul		141,90	136,05	4,30	132,35	7,22

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (RS, BA, GO e MS), dezembro, 2019.

No mercado atacadista de São Paulo, a Bolsa de Cereais (BCSP) registra significativa oferta de produto para venda, proveniente de diversas regiões do país que estão em plena época de colheita. Contudo, o mercado segue travado em função do escalonamento das compras por parte do mercado atacadista e varejista. Nos principais mercados consumidores, existem ofertas e promoções de feijão a preços bastante baixos.

Segundo a BCSP, no dia 06/01/2020 a saca de 60kg do feijão carioca nota 9,5 foi comercializada por R\$ 242,50, enquanto que no dia 27/11/2019 estava em R\$285,00, variação negativa de cerca de 15%. No mesmo período, para o feijão preto extra a cotação da saca de 60kg era de R\$ 160,00, contra R\$ 175,00 no mês anterior, baixa de 8,6% e com mercado calmo.

Tabela 2: Feijão – preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ¹	06/01/2020	27/11/2019	Variação (%)	Mercado ²
Feijão Carioca Extra Novo (9,5)	242,50	285,00	-14,9	Calmo
Feijão Carioca Extra (9,0)	230,00	275,00	-16,4	Calmo
Feijão Carioca Especial (8,5)	217,50	260,00	-16,3	Calmo
Feijão Preto Extra	160,00	175,00	-8,6	Calmo

(¹) Feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP. (²) Comportamento do mercado em 06/01/2020

Nota 1: calmo - mercado com preço estável ou com pequenas oscilações.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), janeiro, 2019.

Safra

Em relação à safra de feijão 1ª em está a campo, até a primeira semana de janeiro de 2020 cerca de 23% da área plantada está colhida. Nas microrregiões de Campos de Lages e Curitibaanos, por suas características próprias de desenvolvimento da cultura e pelo calendário de plantio e colheita diferenciado das demais regiões do estado, as lavouras ainda se encontram em fase de floração. Nas regiões onde a colheita já iniciou, a produtividade média estimada das lavouras está se confirmando, com destaque para a microrregião de Canoinhas no Planalto Norte, onde a qualidade do produto colhido está surpreendendo técnicos e produtores. Já se fala em uma das melhores safras dos últimos anos. As primeiras lavouras colhidas registraram produtividades de até 55 sacas/ha. A produtividade média para a microrregião deverá superar os 2.700kg/ha estimados inicialmente.

Para dezembro, as estimativas confirmaram o que foi apresentado em novembro. Do feijão 1ª safra deverão ser colhidas cerca de 71 mil toneladas, mesmo com redução na área plantada de 1% e a expectativa de aumento da produtividade média em cerca de 15%, resultando num crescimento de 14% da produção.

Tabela 2. Feijão 1ª safra: Santa Catarina – comparativo das safras 2018/19 e 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa Atual Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod.(t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod.(t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá	74	73	982	54	54	996	-27	-26	1
Blumenau	92	104	1.130						
Campos de Lages	7.810	15.173	1.943	7.707	14.656	1.902	-1	-3	-2
Canoinhas	5.550	9.299	1.675	6.200	16.872	2.721	12	81	62
Chapecó	2.061	3.535	1.715	1.957	4.026	2.057	-5	14	20
Concórdia	420	657	1.564	420	680	1.619	0	4	4
Criciúma	533	628	1.178	675	803	1.189	27	28	1
Curitibanos	5.380	10.326	1.919	4.780	9.264	1.938	-11	-10	1
Florianópolis	31	40	1.274	12	7	542	-61	-84	-57
Ituporanga	980	1.927	1.966	1.010	1.913	1.894	3	-1	-4
Joaçaba	2.417	3.274	1.355	2.369	4.036	1.704	-2	23	26
Joinville	22	22	1.000						
Rio do Sul	603	961	1.593	586	962	1.642	-3	0	3
São Bento do Sul	680	966	1.421	600	1.388	2.313	-12	44	63
São M. do Oeste	1.199	2.303	1.921	827	1.664	2.012	-31	-28	5
Tabuleiro	463	812	1.754	376	475	1.264	-19	-41	-28
Tijucas	170	199	1.171	166	178	1.069	-2	-11	-9
Tubarão	973	1.305	1.342	773	1.023	1.323	-21	-22	-1
Xanxerê	5.868	11.125	1.896	6.523	13.258	2.032	11	19	7
Santa Catarina	35.326	62.728	1.776	35.035	71.257	2.034	-1	14	15

Fonte: Epagri/Cepa. Dezembro, 2019.

Milho

Haroldo Tavares Elias
 Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em dezembro, o preço do milho em Santa Catarina foi de R\$ 40,0/sc de 60kg (média mensal), superior em 10% ao mês anterior e 17,8% em relação a dezembro de 2018 (Figura 1). Desde janeiro de 2019, os preços se elevaram 32%. No Mato Grosso do Sul e Paraná os preços apresentaram valores, em média, 9,5% superiores a novembro. Importante observar que, nos últimos dois anos, os preços pagos ao produtor no Mato Grosso tiveram aumento superior a 60%, enquanto em SC, no mesmo período, foi de 32%. Uma causa possível está na consolidação da logística via Arco Norte, com exportações pelos portos do Pará e Maranhão. Outro aspecto está relacionado com a indústria de etanol, que já absorve mais de dois milhões de toneladas de grãos naquele estado, outra opção de venda do produto pelos produtores. No período, os preços refletem alguns fatores:

- Aumento significativo das exportações brasileiras de milho, que em 2019 alcançaram 43 milhões de toneladas¹, favorecidas pela demanda e valor do dólar acima de R\$ 4,00;
- Com a finalização da colheita, a produção americana para a safra em curso está se confirmando inferior à última estimativa², o que reflete nos estoques mundiais do produto e no mercado internacional;
- O mercado está com foco no clima no Brasil. A estiagem em alguns estados causou atraso no plantio de soja, o que pode repercutir na segunda safra (principal) de milho em 2020;
- A demanda interna pelo cereal foi maior em 2019 em função das maiores exportações de carnes pelo Brasil, em especial para a China;
- Com estes fatores, os preços se mantêm fortalecidos e com tendência de elevação até a entrada da nova safra, no final de janeiro/2020.
- Preços em 15 de janeiro de R\$ 42,00/sc (ao produtor Joaçaba/Campos Novos), oferta de R\$51,50/sc preço FOB Imbituba/exportação.

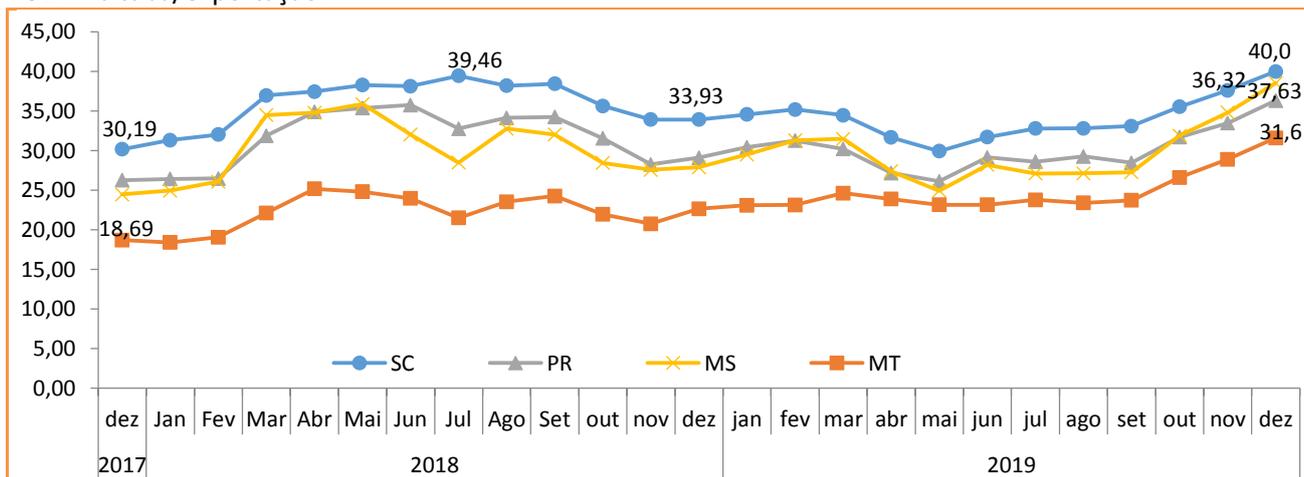


Figura 1. Milho – SC, PR e MS: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60Kg) praça referência Chapecó, de 2017 a dezembro/2019 – (atualizados IGP-DI).

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink.

¹ <http://comexstat.mdic.gov.br>

² World Agricultural Production. <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>

Os preços médios do milho pago ao produtor mostram uma variação no comportamento ao longo dos anos. Em 2016, ocorreram os menores valores registrados. A safra inferior no Centro Oeste e Santa Catarina, em função de forte estiagem acarretou redução na produção de 18% em relação ao ano anterior no Estado (Infoagro, 2020). Em 2017, a situação se inverte. Com uma produção nacional próxima de 97,8 milhões de toneladas (CONAB, 2020), a oferta do produto aumenta no mercado interno, levando os preços a recuarem aos menores patamares da série. Desde então, mesmo com produções normais, em torno de 100 milhões de toneladas, os preços se mantiveram acima da média do período analisado, que foi de R\$ 32,80/sc. Em 2019, com as exportações recordes e menor disponibilidade do produto no mercado interno, os preços alcançaram R\$ 40,00/sc em dezembro, com média anual de R\$ 34,08/sc.

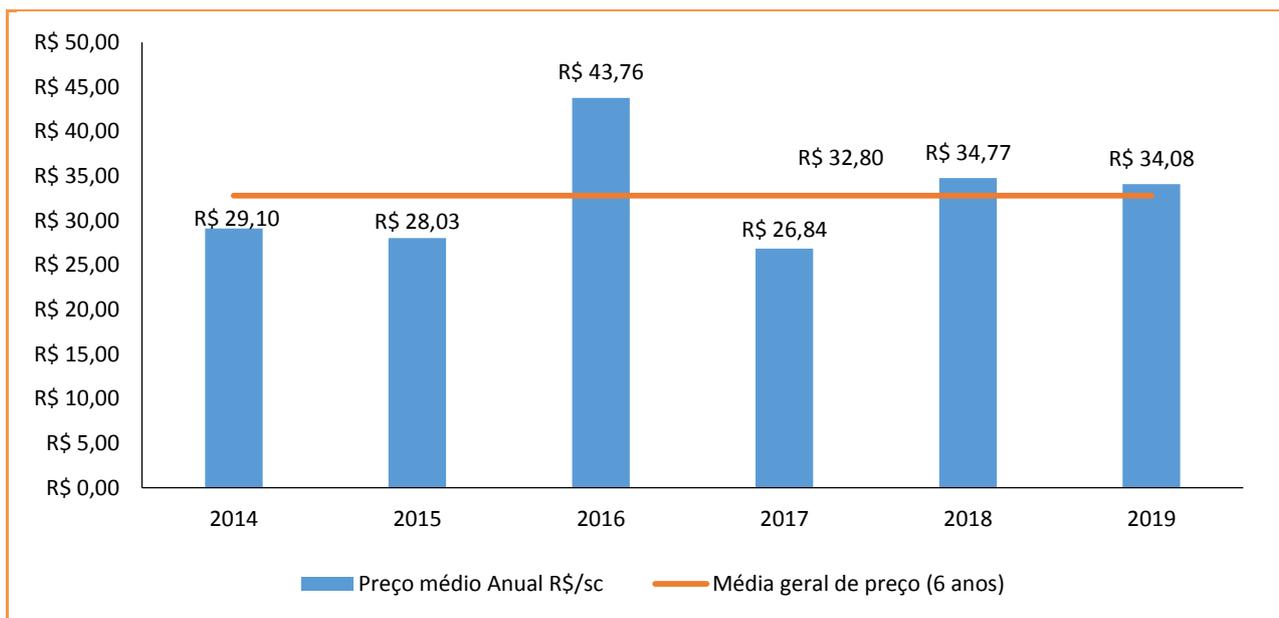


Figura 2. Milho – preços médios anuais ao produtor (R\$/sc de 60Kg - praça referência Chapecó, corrigidos IGP-DI) de 2014-2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Safra 2019/20

A última estimativa para safra 2019/20 indica uma área cultivada de 324.482 hectares na primeira safra (Tabela 1) e 16.239 hectares na segunda safra. A produtividade aponta aumento de 0,3% em relação à safra 2018/19. A expectativa é que a produção do estado fique em 2,75 milhões de toneladas (primeira safra). As regiões que apresentaram maior variação positiva foram Curitibaanos, Criciúma e Joinville. Em termos absolutos, Canoinhas apresenta uma redução significativa de 2.660 hectares, em função da ampliação da área com soja.

A atual safra está em pleno desenvolvimento, com as lavouras no geral em boas condições. Nas microrregiões de São Miguel do Oeste, Chapecó, Concórdia com grande parte das lavouras em fase de enchimento de grãos e maturação. A safra está definida na maioria das lavouras destas regiões. Em algumas áreas, em especial no vale do Rio Uruguai (Palmitos, Caibí e Itapiranga), a colheita já iniciou, com registros preliminares de boas produtividades, de 8.500 a 9.500 kg/ha, superiores às registradas na safra anterior e com boa qualidade de grãos. Cabe salientar que nestas áreas em torno de 50% da área de milho é destinada para silagem. Em Chapecó, lavouras semeadas mais tarde (depois de setembro) estão sentindo falta de umidade do solo, estas representam 30% da área cultivada na região. Nas regiões de Xanxerê/Abelardo Luz 70% das lavouras estão em condições boas e ótimas. As demais áreas com alguma interferência de fatores climáticos das últimas semanas. Na região do Planalto, Curitibaanos e Campos

Novos, grande parte das lavouras se encontram em fase de floração e início de enchimento de grãos (80% até dia 10 de janeiro 2020), fase sensível a falta de umidade. Na região do Planalto Norte, em torno de 50% das áreas já passaram da fase crítica (floração), 30% das áreas estão em floração e enchimento de grãos, que podem ter sido afetadas pela estiagem verificada na última semana do ano e na primeira de 2020. As demais áreas encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo e que com o retorno de chuvas regulares se restabelecem. Na região dos Campos de Lages, mais de 50% das lavouras se encontram em fase de florescimento e enchimento de grãos, período crítico. As chuvas nesta região são irregulares e já preocupam, podendo gerar algum nível de perdas significativos se persistir estiagem. As chuvas previstas para os dias 16 a 18 de janeiro serão fundamentais para amenizar situação da falta de umidade no solo.

Tabela 1. Milho: Santa Catarina – Estimativa de dezembro da safra 2019/20 e comparativo com a safra 2018/19.

Microrregião	Safra 2018/19			Safra 2019/20 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área Plant. (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá	7.734	52.476	6.785	7.724	50.331	6.516	-0,1	-4,1	-4,0
Blumenau	1.911	8.761	4.585	1.890	8.785	4.648	-1,1	0,3	1,4
C. de Lages	32.300	258.140	7.992	32.600	258.350	7.925	0,9	0,1	-0,8
Canoinhas	29.300	254.032	8.670	29.900	287.310	9.609	2,0	13,1	10,8
Chapecó	46.291	395.220	8.538	44.406	383.954	8.646	-4,1	-2,9	1,3
Concórdia	23.650	174.831	7.392	23.050	167.618	7.272	-2,5	-4,1	-1,6
Criciúma	6.674	46.124	6.911	7.060	47.753	6.764	5,8	3,5	-2,1
Curitibanos	24.335	258.392	10.618	26.065	269.400	10.336	7,1	4,3	-2,7
Florianópolis	93	434	4.667	11	35	3.182	-88,2	-91,9	-31,8
Ituporanga	10.980	77.766	7.083	10.960	79.826	7.283	-0,2	2,6	2,8
Joaçaba	57.425	527.732	9.190	57.895	502.350	8.677	0,8	-4,8	-5,6
Joinville	410	2.057	5.016	460	2.479	5.389	12,2	20,5	7,4
Rio do Sul	20.165	138.239	6.855	19.320	132.786	6.873	-4,2	-3,9	0,3
S. B. do Sul	4.100	32.650	7.963	3.600	32.430	9.008	-12,2	-0,7	13,1
S. M. Oeste	31.853	255.744	8.029	28.214	233.327	8.270	-11,4	-8,8	3,0
Tabuleiro	2.975	16.972	5.705	2.381	15.310	6.430	-20,0	-9,8	12,7
Tijucas	1.735	9.100	5.245	1.680	8.420	5.012	-3,2	-7,5	-4,4
Tubarão	5.065	31.705	6.260	4.976	30.962	6.222	-1,8	-2,3	-0,6
Xanxerê	22.990	251.372	10.934	22.290	241.462	10.833	-3,0	-3,9	-0,9
Santa Catarina	329.986	2.791.747	8.460	324.482	2.752.889	8.484	-1,7	-1,4	0,3

Fonte: Epagri/Cepa

Climatologia (situação atual e o que se espera para época do ano):

Em janeiro e fevereiro, o regime de verão já está estabelecido e as chuvas convectivas (curta duração) ocorrem com maior frequência entre a tarde e noite e, por vezes, na madrugada, com média mensal de 150 a 190mm do Oeste ao Planalto e no Litoral Sul, chegando a 200 e 250mm na Grande Florianópolis e Litoral Norte, em janeiro. Em fevereiro, a média mensal é de 150 a 170mm no Planalto, chegando a 190-210mm no Oeste, Meio Oeste e Litoral. Em março, diminuem as chuvas de verão (convectivas) e, principalmente a partir da segunda quinzena, as frentes frias chegam com maior frequência ao Sul do Brasil, sendo responsáveis pela maior parte da chuva em SC, com média mensal variando de 100 a 130mm do Oeste ao Planalto e de 150 a 210mm no Litoral do Estado. As precipitações nos últimos 15 dias (situação em 7/01/2020) estão

apresentadas no mapa abaixo. As chuvas registradas mostram uma grande variação entre as regiões, de 0,4 mm a índices superiores a 100 mm no período, evidenciando que, em algumas regiões há registro de déficit hídrico (Alto Vale do Itajaí e planalto, região de Lages e algumas áreas do Oeste), o que poderá ter efeito nas plantas, em especial nas lavouras em fase de floração, estágio sensível à falta de umidade no solo.

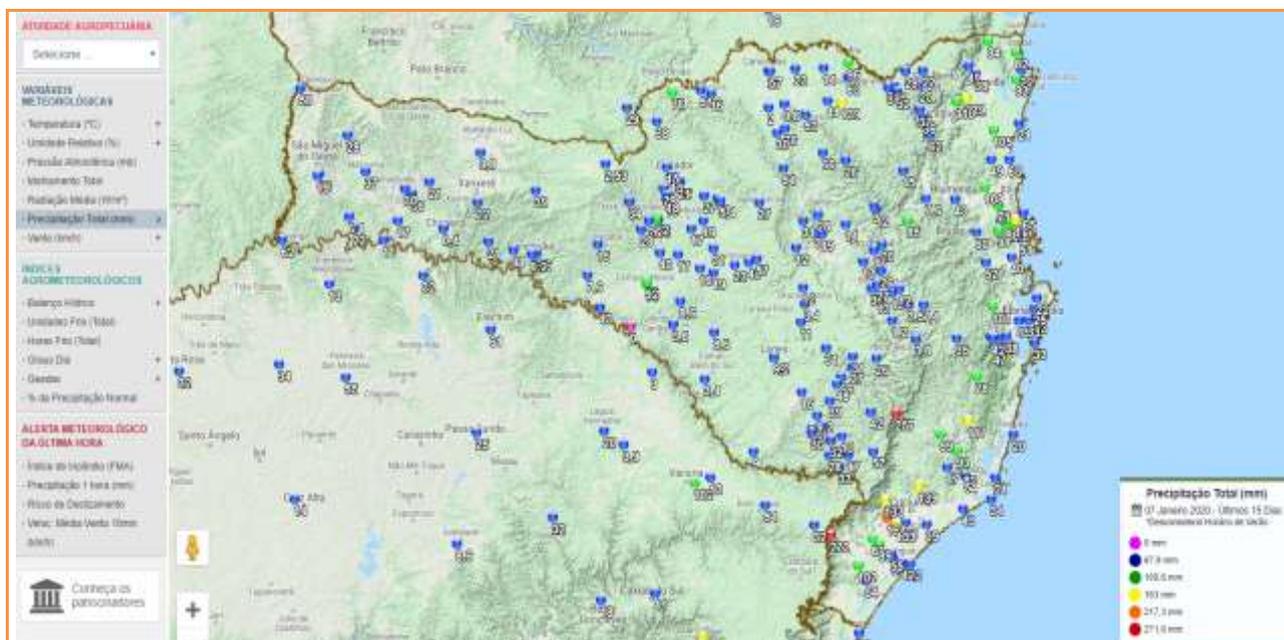


Figura 3. Precipitação total nos últimos 15 dias (Epagri/CIRAM - Agroconect), consulta em 7/01/2020.

Fonte: Epagri/Cepa. 2019.

Produção nacional

Milho primeira safra³: estimativa de crescimento de 1,1% na área semeada, totalizando 4,14 milhões de hectares, e produção estimada em 26,6 milhões de toneladas, 3,8% superior a 2018/19. Fatores como o incremento nas exportações e no consumo do mercado interno, aumento do interesse pelo cereal para confinamento e produção de etanol, criam, a despeito da concorrência com a soja, uma perspectiva positiva para o milho plantado na primeira safra.

Estoques:

A CONAB no último relatório atualizou os estoques, de 10,3 milhões de toneladas de dezembro para 9,3 em janeiro. No cenário atual, isso representa os menores estoques desde a safra 2016/17, fator que fundamenta os preços internos do milho, que tendem a continuar firmes e em patamares elevados.

³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.4 - Quarto levantamento, janeiro 2020

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços apresentaram nova reação em dezembro, com valor 1,2% superior ao mês anterior. Frente ao mesmo mês da safra passada, registrou alta de 5,7%. No Paraná e Mato Grosso o comportamento foi semelhante. Os fatores que influenciaram os preços em novembro e início de dezembro foram:

- A produção dos EUA foi projetada em 96,6 milhões de toneladas (USDA), volume 19% menor que o da safra anterior, reflexo da menor área plantada e, principalmente, da menor produtividade. Este valor representa em torno de 20 milhões de toneladas a menos;
- O dólar valorizado (acima de R\$ 4,00) garantiu sustentação dos preços nacionais em novembro e dezembro;
- Depois de muita negociação, China e EUA acertam parte do acordo comercial. Assim, a soja americana está livre para compra pela China. O Brasil perde força na venda de soja para China e passa a disputar o mercado com os EUA. O cenário do mercado em 2020 será norteado por esta questão e pela amplitude dos acordos entre EUA e China;
- O clima na América do Sul é um fator importante neste início de 2020, quando se decide a nova safra no Brasil, Argentina e Paraguai.

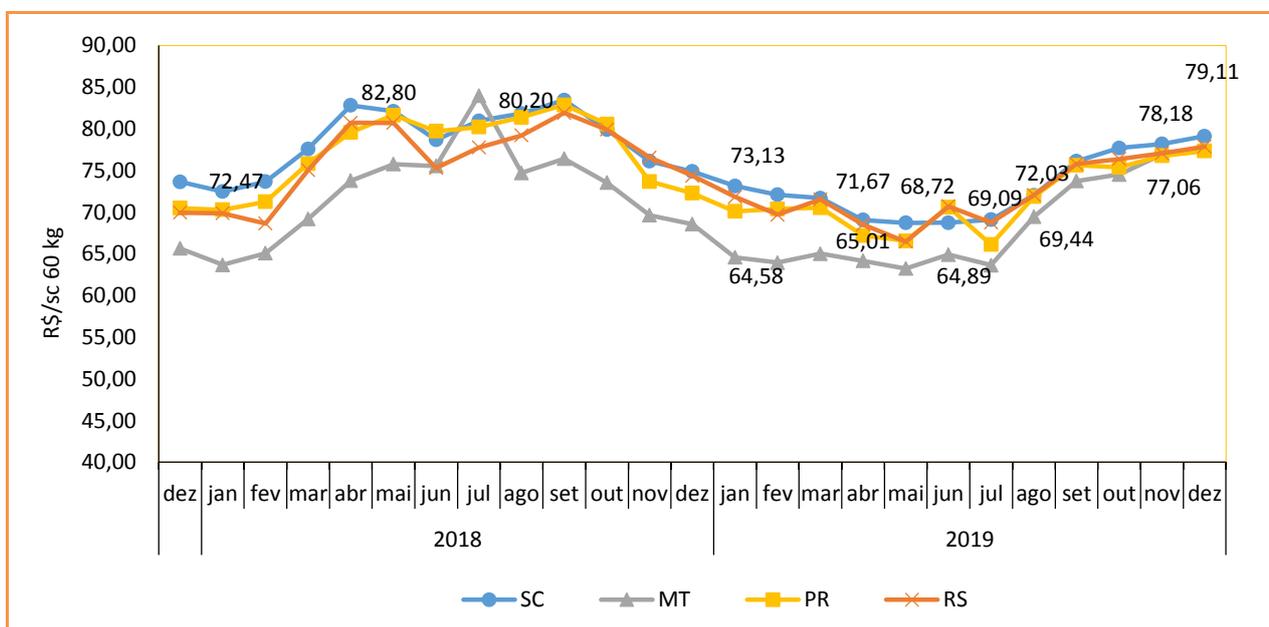


Figura 1. Soja em grão: preço médio mensal ao produtor – Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catarina – dezembro/2017 a dezembro/2019.

Fonte: Epagri/Cepa (2020); Deral – PR e Agrolink (MT)

Preços e fatores relacionados

Os preços pagos ao produtor nos últimos cinco anos apresentaram queda de 5,7%, considerando os valores corrigidos. Até 2015, a soja apresentou uma valorização consistente, impulsionada, principalmente, pela

demanda crescente do mercado chinês e outros países. A partir de 2015, ocorreram perdas no valor do produto, o que também aconteceu com diversas commodities no mercado internacional⁴. Nos últimos dois anos, as relações comerciais entre China e Estados Unidos tiveram influência no preço, associada aos prêmios e cotação do dólar, que favoreceu o produto brasileiro. Outros fatores podem ser apontados nos preços internacionais da soja, como a política monetária estadunidense, a especulação financeira e os custos de produção. Também, pode ser destacado o possível impacto do preço do petróleo no preço da soja. Segundo o Banco Mundial, o preço das duas commodities apresenta relação sincrônica, a partir do preço de US\$ 50 e US\$ 60 do petróleo. Uma explicação para isso pode estar no fato de que o petróleo é o principal componente dos fertilizantes utilizados na produção. Já o posicionamento da Food and Agriculture Organization (FAO) enfatiza o papel dos biocombustíveis nesse processo⁵. No Brasil, o uso da soja para produção de biocombustíveis vem apresentando um aumento significativo. O percentual de biodiesel adicionado ao óleo diesel fóssil no Brasil está em 11% (ANP, setembro 2019), o que gera uma demanda considerável.

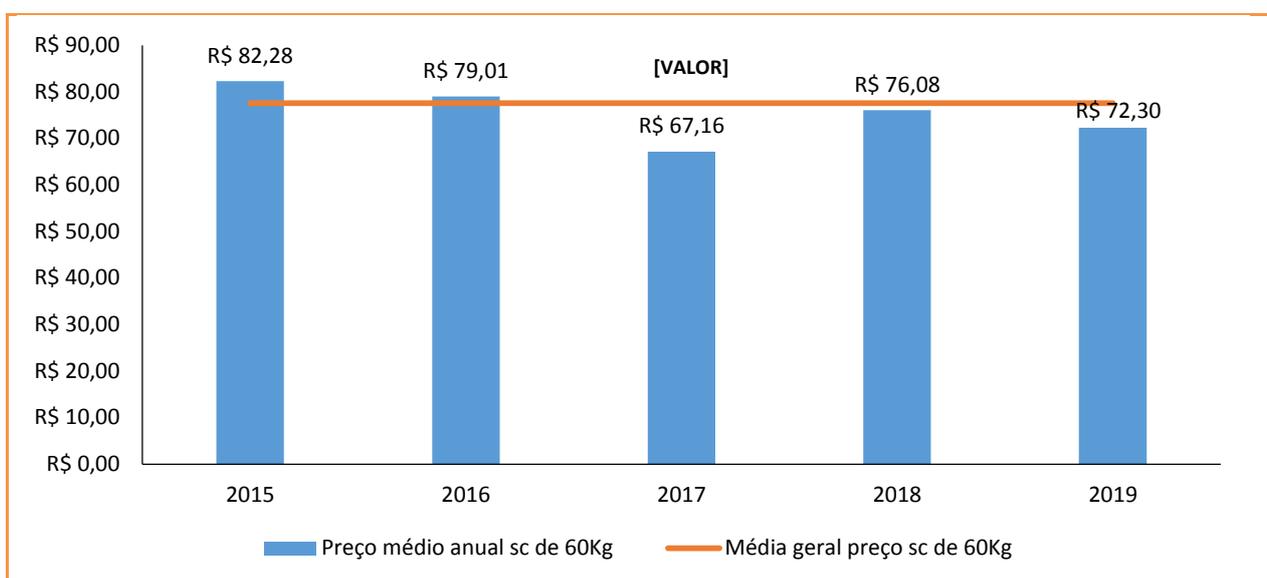


Figura 3. Soja: Santa Catarina – Preço médio anual pago ao produtor e média, referência Chapecó - 2015-2019.

Nota: Corrigido pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Acompanhamento da Safra 2019/20

A estimativa atual para a safra 2019/20 apresenta um aumento da área de 2,41% em relação a safra 2018/19. Assim, o prognóstico da área cultivada é de 686.512 hectares contra 670.330 hectares da safra 2018/19. As regiões que apresentam aumento de área são: Canoinhas, São Bento do Sul, Ituporanga e Rio do Sul. As regiões de Araranguá e Tubarão registram cultivos nesta safra. A região de Criciúma apresenta um aumento significativo de área, com mais de 4 mil hectares. O cultivo da soja no sul do estado avança sobre áreas antes ocupadas com feijão, milho e arroz. A produção total esperada é de 2,5 milhões de toneladas, 6,2% superior à safra anterior.

⁴ O fim do superciclo das commodities internacionais e seus reflexos na economia brasileira, Conjuntura Internacional. Belo Horizonte, ISSN 1809-6182, v.13 n.1, p.36 - 43, nov. 2016.

⁵ Panorama Internacional: Volume 1, nº 1, 2015. Disponível em <http://panoramainternacional.fee.tche.br/article/o-preco-da-soja-no-ultimo-decenio/>. Acesso em 14 jan. 2019.

Tabela 1. Soja: Santa Catarina - comparativo entre as safras 2018/19 e 2019/20.

Microrregião	Safr 2018/19			Safr 2019/20 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área Plant. (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá				530	1.696	3.200			
C. de Lages	59.440	215.053	3.618	62.740	227.422	3.625	5,55	5,75	0,19
Canoinhas	126.000	429.350	3.408	135.500	519.272	3.832	7,54	20,94	12,45
Chapecó	92.300	275.985	2.990	94.935	310.684	3.273	2,85	12,57	9,45
Concórdia	6.575	23.537	3.580	6.552	23.738	3.623	-0,35	0,85	1,20
Criciúma	1.938	6.977	3.600	4.260	14.980	3.516	119,8	114,71	-2,32
Curitibanos	109.630	443.033	4.041	109.630	457.227	4.171	0,00	3,20	3,21
Ituporanga	7.220	29.352	4.065	7.930	31.604	3.985	9,83	7,67	-1,96
Joaçaba	61.150	222.201	3.634	59.830	227.307	3.799	-2,16	2,30	4,55
Rio do Sul	5.020	19.476	3.880	5.355	19.640	3.668	6,67	0,84	-5,47
S. Bento do Sul	10.200	32.960	3.231	11.100	38.970	3.511	8,82	18,23	8,66
S. M. do Oeste	41.277	137.847	3.340	37.910	130.162	3.433	-8,16	-5,58	2,80
Tubarão				400	1.280	3.200			
Xanxerê	149.580	518.382	3.466	149.830	497.173	3.318	0,17	-4,09	-4,26
Santa Catarina	670.330	2.354.153	3.512	686.502	2.501.155	3.643	2,41	6,24	3,74

Fonte: Epagri/Cepa. Novembro, 2019.

Acompanhamento da Safr

- Planalto Norte: as condições climáticas relacionadas às precipitações estão normais aos estádios da cultura, porém as chuvas tem sido irregulares;
- Região Oeste: de modo geral as condições climáticas contribuíram para o bom desenvolvimento da cultura até final de dezembro. As lavouras semeadas mais tarde estão sofrendo com a falta de umidade e altas temperaturas nas primeiras semanas do ano;
- Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos: A situação das lavouras no momento se distingue entre aquelas que utilizaram variedades precoces, algo como 35% da área plantada, e outro plantio denominado tardio, com 65% da área. Estima-se, por enquanto, uma perda de 8% sobre a projeção inicial de produção, com as lavouras com variedades precoces sofrendo mais devido a estiagem nas primeiras semanas do ano. No próximo Boletim será atualizado o rendimento nas diferentes regiões em função da estiagem verificada desde fim de ano. As chuvas estão ocorrendo de maneira irregular nas regiões.

Algumas perdas já estão sendo identificadas, sendo que o regime de chuvas nos próximos 15 dias será determinante para definir a produção das lavouras. Na Figura abaixo são apresentados os volumes das chuvas acumulados de 01 a 12 de janeiro de 2020. As chuvas são muito variáveis entre as regiões, com a região do Planalto Sul apresentando o maior déficit hídrico, com maior risco de perdas de rendimento de soja e milho.

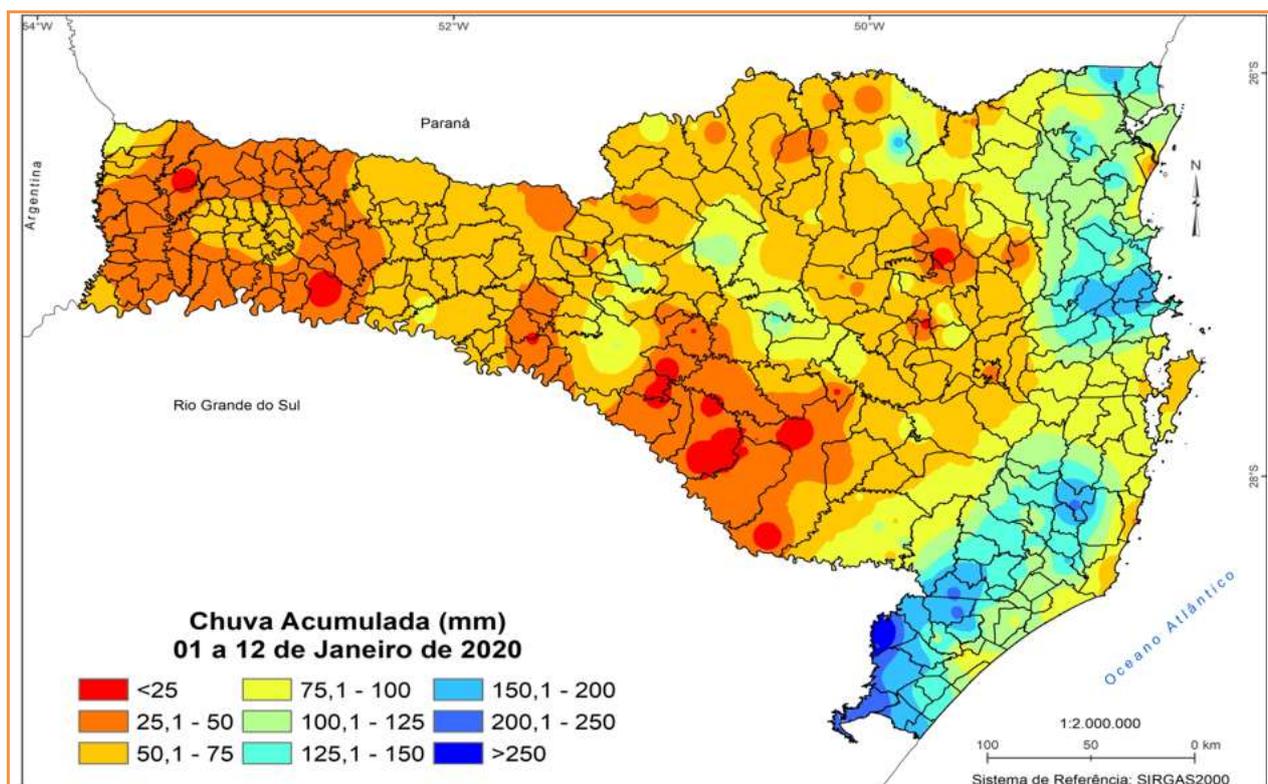


Figura 3. Chuva: Santa Catarina - acumulado (mm) de 01 a 12 de Janeiro de 2020.

Fonte: Epagri/Ciram. 13 de janeiro/2020. Apresentação.

Safra 2019/20

Brasil: a cultura mantém a tendência de crescimento da área cultivada. Nesta safra, a estimativa aponta para crescimento de 2,6% em relação ao ciclo passado, com produção prevista de 122,2 milhões de toneladas. O Brasil posiciona como o maior produtor mundial nesta safra.

Estados Unidos: No relatório de janeiro/2020, o USDA⁶ estima a safra americana 2019/20 em 96,84 milhões de toneladas, contra 117 milhões da safra 2018/19, recuo superior a 17%.

Argentina: A estimativa de área para cultivo foi reduzida para 17,5 milhões de hectares, pela impossibilidade de incorporação de cerca de 200 mil hectares no sul de Buenos Aires, por causa da falta de umidade. O plantio avança 8,8 pontos percentuais, elevando a área implantada a 16,3Mha⁷.

⁶ United States Department of Agriculture Foreign Agricultural Service Approved by the World Agricultural Outlook Board/USDA January 2020.

⁷ Panorama Agrícola Semanal. 09 de enero de 2020. Bolsa de Cereales, Departamento de Estimaciones Agrícolas. Buenos Aires.

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do trigo de melhor qualidade (PH78) tiveram ligeira alta em dezembro. Os produtores catarinenses receberam, em média, R\$ 43,00/saca de 60kg, contra R\$ 42,51 recebidos em novembro, alta de 1,15%. Em comparação ao mesmo período do ano passado, os produtores receberam 2,6% a mais do que há um ano. No Paraná, os valores pagos aos produtores também subiram, com alta de 3,56% no mês, assim como no Rio Grande do Sul, com alta de 3,44%. O mercado esteve bem aquecido no final de 2019, com o aumento das vendas no varejo.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2019/20 – R\$/saca de 60kg

Estado	dez/19	nov/19	Variação mensal (%)	dez/18	Variação anual (%)
Santa Catarina	43,00	42,51	1,15	41,93	2,6
Paraná	47,46	45,83	3,56	45,65	4,0
Rio Grande do Sul	40,31	38,97	3,44	39,52	2,0
Mato Grosso do Sul	45,00	43,36	3,78	39,00	15,4

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (RS e MS). Dezembro, 2019.

Para comparar a remuneração real dos produtores pela saca de 60 quilos do trigo com PH 78 ao longo de um período de tempo, é necessário que seja retirado o efeito da inflação. Assim, analisando o período de janeiro de 2017 a dezembro de 2019, descontada a inflação medida pelo IGP-DI (Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna), se observa que o comportamento dos preços em 2019 foi bastante estável, com oscilações discretas ao longo do ano, diferentemente de 2018, quando a diferença entre os extremos da série chegou a 19%. Na comparação entre os três anos, o preço médio real anual da saca de 60 quilos de trigo PH78 foi de: R\$ 43,35 em 2019, R\$ 42,24 em 2018 e R\$ 38,57 em 2017. O preço médio da saca de trigo pago aos produtores catarinenses em 2019 foi cerca de 2,6% superior ao valor pago em 2018 e 12,4% superior a 2017.

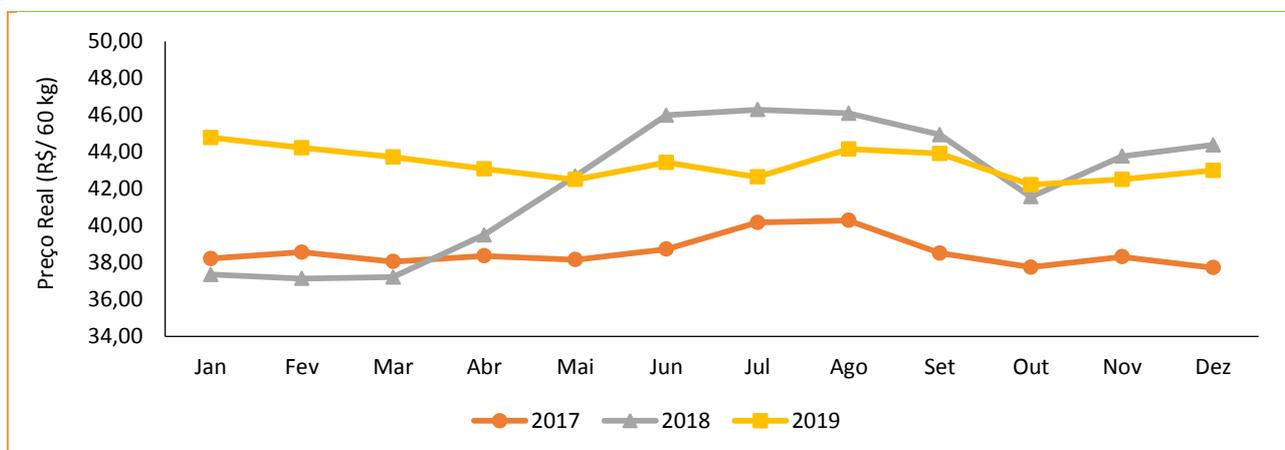


Figura 1. Trigo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal real pago ao produtor – 2017 a 2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Relação de troca

Na produção agrícola, o custo de produção foi um dos fatores que contribuiu decisivamente para a definição da intensão de plantio. Nesse sentido, é muito importante o produtor analisar a relação de troca, indicador que mensura a capacidade de compra de insumos, máquinas e equipamentos com a receita apurada na venda do produto, ou seja, a quantidade de produto necessária para a aquisição de um determinado insumo, máquina ou equipamento.

Um conjunto de insumos e fatores de produção são indispensáveis para que o produtor obtenha êxito nas atividades que desenvolve. Foram selecionados os principais insumos utilizados na cultura do trigo e relacionados os preços pagos pelos produtores com os preços recebidos por sua produção. O gráfico abaixo apresenta a relação de troca entre o trigo e os insumos mais utilizados nas lavouras catarinenses.

É possível constatar que houve queda na relação de troca entre o trigo e o fertilizante formulado 08-20-20, cujos preços se mantiveram relativamente estáveis ao longo do ano, com a saca de 50 kg cotada a R\$ 87,33 em abril/2019, passando para R\$ 84,03 em outubro, redução de 4,8%. Assim, em outubro de 2019, para adquirir uma saca de 50kg do referido fertilizante, o produtor precisou desembolsar o equivalente a duas sacas de 60kg de trigo grão PH 78. A saca de 40kg de semente de trigo teve alta de 10%, passando de R\$ 84,17 em abril para R\$ 94,00 em outubro. Os inseticidas tiveram alta de 2,2% no período analisado, o que significa que o produtor teve que desembolsar o equivalente a 4,7 sacas de trigo para poder comprar um litro do inseticida selecionado. Já os herbicidas apresentam redução de preços, com a relação de troca apresentando queda de 2,8%.

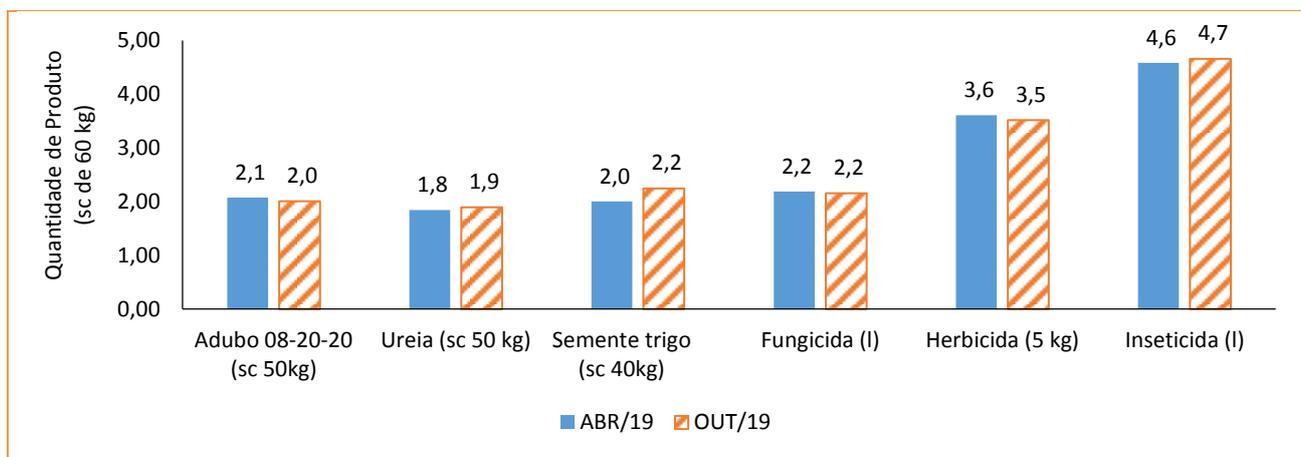


Figura 2. Trigo – Santa Catarina: Relação de troca – abril e outubro de 2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Ainda analisando a relação de troca, para a aquisição de um trator traçado 4x4 com potência de 85cv, em abril de 2019 havia necessidade de desembolso equivalente a 3.326,50 sacas de trigo, enquanto que em outubro eram necessários 3.460,13, alta de 4,0%.

Safra

No Planalto Norte Catarinense, o clima, que foi preocupação durante toda safra, com estiagem em junho e julho e geadas com temperaturas abaixo de zero grau, acabou favorecendo a cultura. As lavouras tiveram um bom perfilhamento e as chuvas foram bem distribuídas na época da floração e enchimento de grãos. Essas condições proporcionaram uma safra com boa produtividade e qualidade de grão, com PH em média acima de 78. A produtividade média na região deve ficar entre 3.400 a 3.800kg/ha.

No Planalto Sul Catarinense, que inclui as microrregiões de Joaçaba e Curitibanos, a produtividade das lavouras ficou bem abaixo dos 4.200kg/ha estimados inicialmente, devendo consolidar-se entre 2.800 a 3.200kg/ha. A estiagem que afetou a região prejudicou a safra, que só não foi pior porque a qualidade do grão colhido está sendo considerada excelente.

No Extremo Oeste e Oeste Catarinenses, a safra de trigo foi marcada por uma grande variação nas produtividades, com a produção de algumas lavouras não alcançando a classificação como trigo comercial, mas como grão para ração. Contudo, houve registro de lavouras com produtividades acima de 3.800kg/ha. Nessas duas regiões, a produtividade média deve ficar entre 2.200 a 3.000kg/ha.

Nesta safra, a área plantada estimada é de 51.105 hectares, redução de 5,0% em relação à safra anterior, que foi de 53.920 hectares. Em relação à produtividade média, tudo indica que ficará em cerca de 3.054kg/ha, superior em 1,0% em relação à safra 2018/19. Se essas estimativas se confirmarem no próximo mês, a safra 2019/20 deverá fechar com uma produção de 156 mil toneladas, redução de 4,0% em relação à safra passada.

Tabela 2. Trigo Grão – Santa Catarina: Comparativo safra 2018/19 e estimativa atual safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa atual Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área Plantada (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área	Quant. Prod.	Rend. Médio
Campos de Lages	330	703	2.130	924	2158	2.336	180	207	10
Canoinhas	10.850	33.235	3.063	9.500	35.419	3.728	-12	7	22
Chapecó	12.527	33.314	2.659	11.909	35.608	2.990	-5	7	12
Concórdia	1.330	3.942	2.964	690	1.920	2.783	-48	-51	-6
Curitibanos	7.500	28.026	3.737	7.301	23.268	3.187	-3	-17	-15
Ituporanga	765	1.938	2.533	835	2.019	2.418	9	4	-5
Joaçaba	3.131	9.285	2.966	3.848	11.078	2.879	23	19	-3
Rio do Sul	190	492	2.589	200	485	2.425	5	-1	-6
São Bento do Sul	250	659	2.636	500	1.710	3.420	100	159	30
São M. do Oeste	2.956	9.224	3.120	3.748	8.100	2.161	27	-12	-31
Xanxerê	14.100	41.583	2.949	11.650	34.309	2.945	-17	-17	0
Santa Catarina	53.929	162.401	3.011	51.105	156.074	3.054	-5	-4	1

Fonte: Epagri/Cepa. Dezembro/2019.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

Renovação da tarifa antidumping, safra de boa qualidade e mercado em alta deixa produtores de alho satisfeitos em Santa Catarina.

O ano de 2019 foi vitorioso para a cadeia produtiva do alho. A renovação da taxa *antidumping* sobre as importações do produto chinês foi a conquista a mais relevante do ano.

O Governo Federal, através da Portaria nº 4.593/2019, de 03 de outubro, oficializou a prorrogação por mais cinco anos da tarifa *antidumping* sobre o alho importado da China, independente da classificação: tipo, classe, grupo e subgrupo.

A tarifa *antidumping* é aplicada pelo Brasil desde 1996 com o objetivo de proteger a alhicultura brasileira da concorrência desleal. Em face da já comprovada prática de *dumping* pela China, o Brasil taxa o alho chinês importado em US\$ 0,78/kg.

Este é um dos fatores que poderão contribuir para o início da necessária recuperação do setor em relação às safras 2017/18 e 2018/19.

Preço

Em dezembro, a Argentina foi a maior fornecedora de alho para o Brasil, em decorrência do início da comercialização da nova safra.

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade da cidade de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional classe 5 foi comercializado no final do mês de novembro a R\$ 12,91/kg, mantendo-se nesse patamar no mês de dezembro, alcançando R\$ 15,09/kg no início de janeiro. O alho classe 6, no mesmo período, foi de R\$ 16,32/kg para R\$ 17,14/Kg, e o alho classe 7 está sendo comercializado por R\$ 19,14/Kg.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, no atacado, o alho nobre nacional, classes 4 e 5, se manteve em dezembro no patamar de R\$ 12,00/kg, se mantendo sem alterações até o dia 10/01/20.

Com relação ao alho classes 6 e 7, que fechou o mês de novembro a R\$13,50/kg, valor que se manteve em dezembro, passando para R\$ 14,00/Kg neste início de janeiro, crescimento de 3,57% no período.

Informações de campo indicam que os produtores catarinenses estão recebendo R\$ 5,50/kg a R\$ 6,50/Kg acima da classe do alho. Isto significa que alho classe 4 está sendo comercializado de R\$ 9,50/Kg a R\$ 10,50/Kg e assim por diante.

Produção

A safra catarinense de alho já foi toda colhida e está sendo preparada para comercialização. A qualidade comercial da safra não correspondeu às expectativas do período de desenvolvimento e maturação das lavouras, com uma porcentagem maior de bulbos com menor calibre. No entanto, a qualidade comercial é bem superior à safra passada.

A área plantada em Santa Catarina na safra 2019/20 foi de 1.831ha, 24,02% inferior a safra passada, que foi de 2.406ha (Epagri/Cepa). A redução reflete a tomada de decisão dos produtores em decorrência das perdas econômicas que se acumularam nas safras 2017/18 e 2018/19. Ainda é cedo prever, mas é possível que, em função dos resultados econômicos dos produtores nesta safra, ocorra recuperação de parte da área na próxima safra.

Comércio exterior

A importação de alho no mês de dezembro foi de 19,19 mil toneladas, crescimento de 108,58% em relação a novembro (Tabela 1).

Em 2019, o total de alho importado pelo Brasil foi de 165,45 mil toneladas, média mensal de 13,78 mil toneladas, números muito semelhantes aos de 2018, cuja importação mensal média foi de 13,70 mil toneladas. Como pode ser visto na tabela abaixo, as importações brasileiras de alho nos últimos 4 anos não foram muito diferentes.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de 2016 a 2019(mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,45

Fonte: Comexstat/ME: janeiro/2020.

O preço médio do alho importado (FOB), que em novembro já havia interrompido a redução ocorrida nos meses anteriores, teve em dezembro importante recuperação, atingindo o maior valor desde julho de 2017 (Figura 1), refletindo positivamente na melhoria de preços ao produtor.

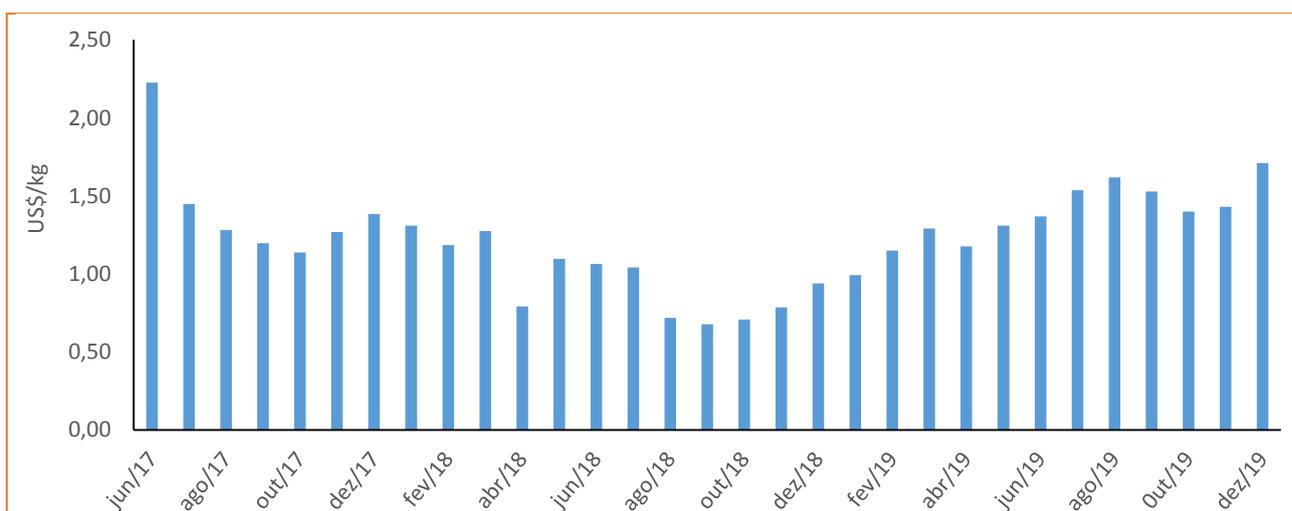


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – 2017-18 e 2019

Fonte: ComexStat/ME: janeiro/2020.

Na Figura 2, observa-se a evolução da quantidade de alho (kg) internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal (US\$), considerando os períodos de julho a dezembro de 2017 e de janeiro a dezembro de 2018 e 2019. Em 2019, o dispêndio total de recursos destinados ao pagamento das importações de alho foi de US\$ 225,09 milhões, relativos à importação de 165,45 mil toneladas.

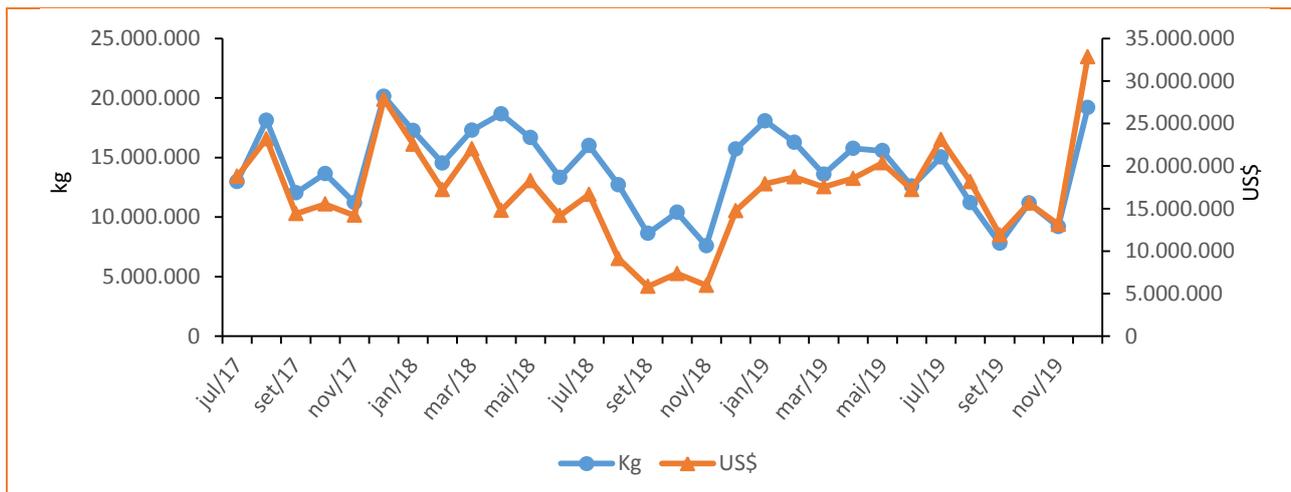


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação mês a mês: jul a dez de 2017, 2018 e 2019

Fonte: ComexStat/ME: dezembro/2019.

A participação dos principais países no fornecimento de alho ao Brasil nos anos de 2018 e 2019 pode ser observada na Figura 3.

O principal fornecedor no mês de dezembro de 2019 foi a Argentina, com 13,84 mil toneladas, representando 72,12% do total importado no mês. A China forneceu 3,08 mil toneladas, significando 16,05%, a Espanha 0,22 mil toneladas e os demais países forneceram 2,02 mil toneladas.

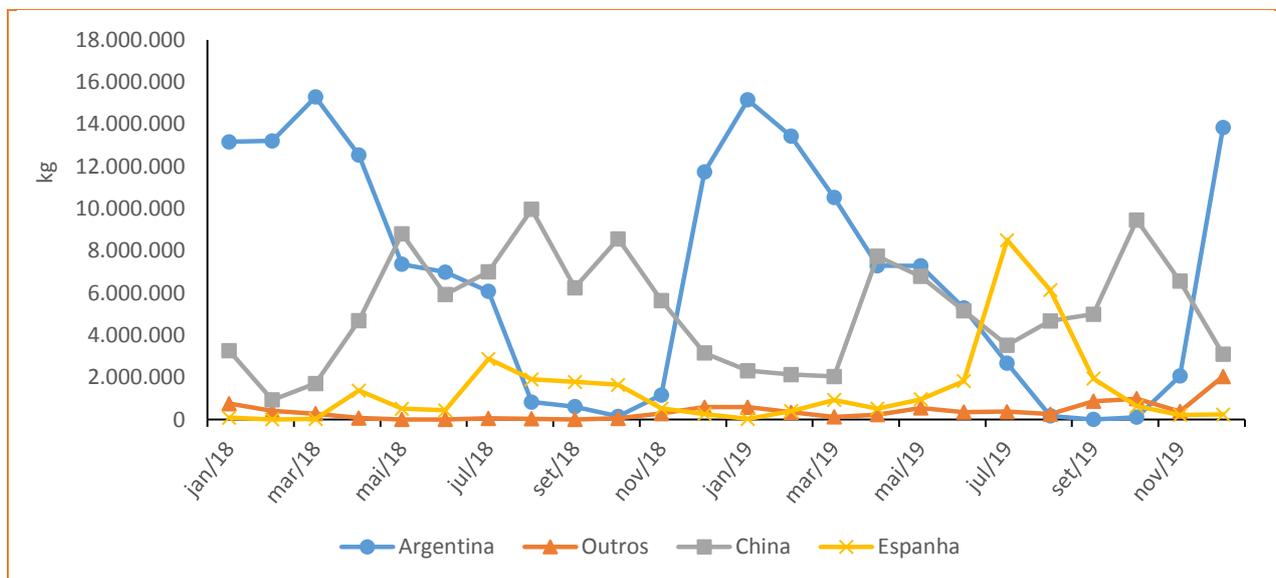


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (kg) – 2018 e 2019

Fonte: Comexstat/ME: janeiro/2020.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A safra sulista de cebola é a principal fornecedora para o mercado nacional, visto que as regiões do Cerrado e Nordeste tem menor oferta neste período. Neste sentido, a safra catarinense segue em ritmo considerado normal para o período em termos de volume escoado, porém os preços continuam não agradando o setor.

Além da oferta significativa em função da boa safra colhida em Santa Catarina, o produto disponibilizado ao mercado no início da comercialização da safra é proveniente de variedades superprecoces e precoces, que, historicamente, tem menor aceitação pelo consumidor.

Associado a isto, as elevadas temperaturas reinantes nas regiões produtoras contribuem para alterar, de alguma forma, a qualidade do produto armazenado, com isso, dificultando, conjuntamente, o início da comercialização da safra.

Preço

A estratégia do setor é para que os produtores escalonem a oferta, de modo que o mercado absorva, primeiramente, os materiais precoces e mais vulneráveis às condições de armazenamento e, desta forma, mantendo o mercado abastecido equilibradamente, visando manter a expectativa de rentabilidade da atividade aos produtores.

Na região de Ituporanga, a comercialização da safra foi aberta com R\$ 0,68/kg, baixando para R\$ 0,60/kg. Estes preços estão bem abaixo das estimativas de custo médio de produção para a região, que é de R\$ 0,80/kg a R\$ 1,00/kg, a depender da produtividade alcançada pelas lavouras. No início de janeiro, houve pequena reação nos preços, atingindo, em alguns casos isolados, até R\$ 0,90/kg, porém retornado ao patamar de R\$ 0,75/kg a R\$ 0,80/kg nos últimos dias.

Na Ceagesp/SP, o bulbo foi comercializado na primeira semana de janeiro a R\$ 1,61/kg, atingindo R\$ 1,52/kg no dia 10/01/20, redução de 5,59% no período.

No mercado de atacado na Ceasa/SC (Unidade de São José, SC), na segunda quinzena de dezembro a cebola foi comercializada a R\$ 1,00/kg, mantendo-se próximo a este patamar até o final do mês.

Em janeiro, as cotações da cebola nacional se mantiveram no mesmo patamar de R\$ 1,00/kg, enquanto o produto importado atingiu R\$ 1,75/kg.

Safra catarinense

A safra de cebola em Santa Catarina se encaminha para a fase final de colheita em todas as regiões produtoras, restando aproximadamente 10% a ser colhida, especialmente na região de Joaçaba, como em Lebon Régis.

As expectativas em termos de retorno econômico aos produtores ainda são positivas para esta safra, desde que o setor consiga se manter minimamente organizado para que a comercialização se mantenha escalonada, evitando excesso de oferta.

Comércio exterior

A tabela 1 apresenta as exportações brasileiras de cebola de 2015 a 2019. Embora com volume e valores pouco expressivos, tem caráter ilustrativo e de registro do histórico deste mercado que poderá, futuramente, ser explorado pelo setor produtivo. Exemplo típico da importância das exportações ocorreu em 2018 para algumas regiões produtoras de São Paulo, quando venderam volumes importantes para o Paraguai, desafogando o mercado nacional.

Os dados registrados no Siscomex/ME (Tabela 1) referentes a 2019, apresentam a exportação de pouco mais de 10,79 mil toneladas, praticamente 50% do volume exportado em 2018, porém com preço médio de US\$ 0,178/Kg, sendo 11,79% maior que no ano anterior.

Tabela 1. Cebola – Brasil: exportações – 2015 a 2018 e janeiro a novembro de 2019

Ano	Valor – US\$	Quantidade – kg	Valor médio – US\$/kg
2015	1.730.100	4.856.280	0,356
2016	4.924.385	21.816.192	0,225
2017	2.287.941	12.278.519	0,186
2018	3.421.211	21.752.409	0,157
2019	1.927.916	10.794.201	0,178

Fonte: Comexstat/ME – janeiro/2020.

Com relação às importações (Figura 1), em dezembro foram internalizadas apenas 0,77 mil toneladas de cebola, redução de 50,32% em relação a novembro/19, quando foram importadas 1,55 mil toneladas. Em dezembro, o preço médio (FOB) foi de US\$ 0,433/kg, sendo que em novembro o preço foi de US\$ 0,427/Kg, redução de 1,38%.

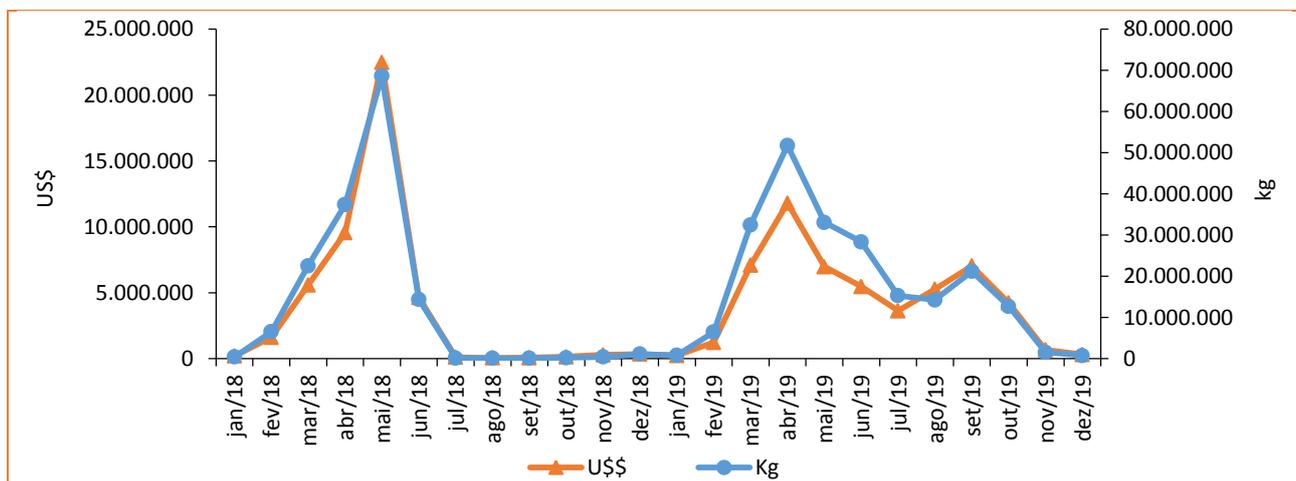


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mês a mês – 2018 e 2019

Fonte: Comexstat/ME – janeiro/2020.

As cebolas importadas pelo Brasil no mês de dezembro vieram da Espanha (601,3 toneladas), Holanda (144 toneladas) e Argentina, apenas 28 toneladas (Figura 2).

Segundo dados do Siscomex/ME, a importação de cebola pelo Brasil em 2019 foi de 211,52 mil toneladas, a um custo total de US\$ 52,47 milhões e custo médio de US\$ 0,25/kg.

O principal fornecedor da hortaliça ao Brasil foi a Argentina, com 150,52 mil toneladas, ou 73,37% do total, seguida pela Holanda, com 33,96 mil toneladas, significando 16,05%, e Chile, com 11,73 mil toneladas, ou 5,54% do total.

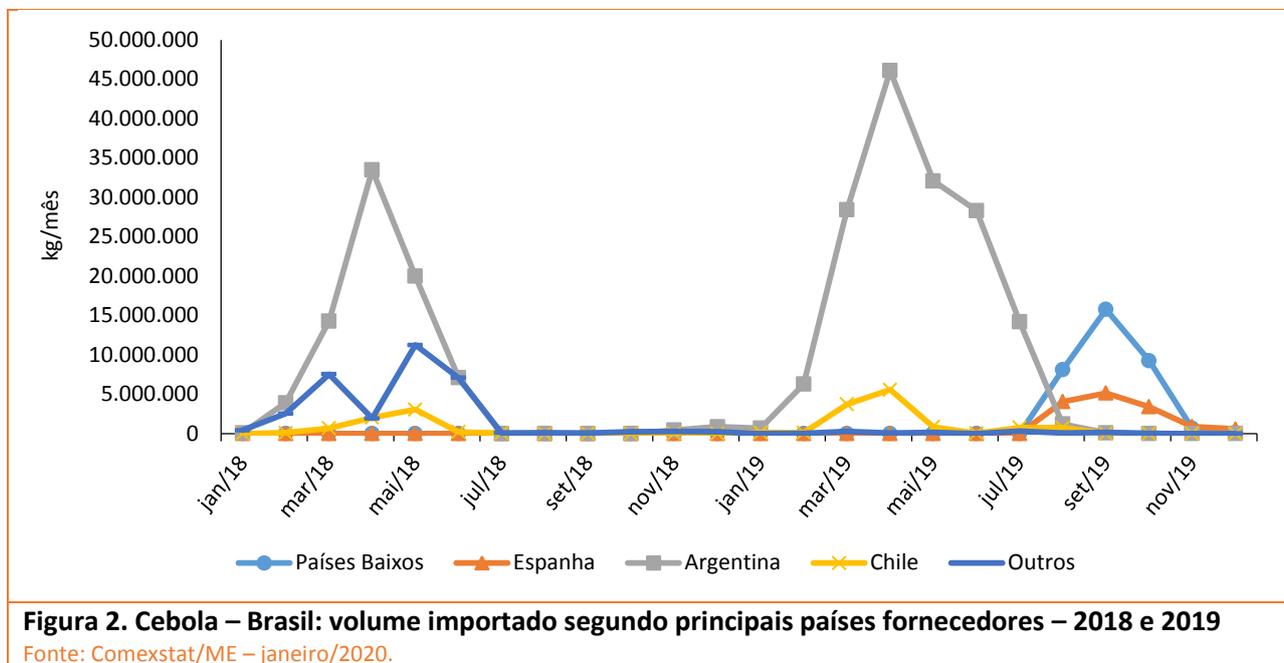


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado segundo principais países fornecedores – 2018 e 2019

Fonte: Comexstat/ME – janeiro/2020.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de três anos seguidos de ocorrência de eventos que impactaram negativamente o setor de carnes (“crise do milho”, em 2016; Operação Carne Fraca, em 2017; Operação Trapaça [Polícia Federal] e paralisação dos caminhoneiros, em 2018), havia expectativa de resultados favoráveis em 2019, principalmente em função da estabilização nos preços do milho no ano anterior (embora em patamares elevados) e da provável ampliação das exportações, impulsionadas pela demanda da China, país severamente atingido por um surto de peste suína africana.

Contudo, embora tenham sido registrados bons resultados, no caso da carne de frango os números ficaram aquém do esperado. Em primeiro lugar, o preço do milho, que chegou a registrar diversas quedas no 1º semestre, voltou a subir de forma acentuada no final de 2019, provocando alta nos custos de produção. Em relação às exportações, não obstante o aumento nos embarques para a China, os montantes foram menos significativos do que se estimava. A não concretização das projeções iniciais de alta no Produto Interno Bruto brasileiro também impactou na demanda interna de carnes. Diante desse cenário, os preços pagos ao produtor mantiveram-se estáveis ao longo de quase todo o ano de 2019 no Paraná e Santa Catarina, os principais estados produtores. Os dois momentos de variações mais relevantes foram observados no 1º trimestre, no Paraná, e em dezembro, em Santa Catarina. A alta de dezembro é decorrente, principalmente, do aumento nos preços da carne bovina, o que estimulou a substituição desta por outras proteínas de origem animal, ocasionando altas também nas demais carnes. Em relação aos valores praticados no mesmo mês do ano anterior, os preços do frango vivo de dezembro de 2019 apresentavam variação positiva de 7,30% no Paraná e de 0,75% em Santa Catarina.

A inflação acumulada em 2019 foi de 4,31%, segundo o IPCA/IBGE.

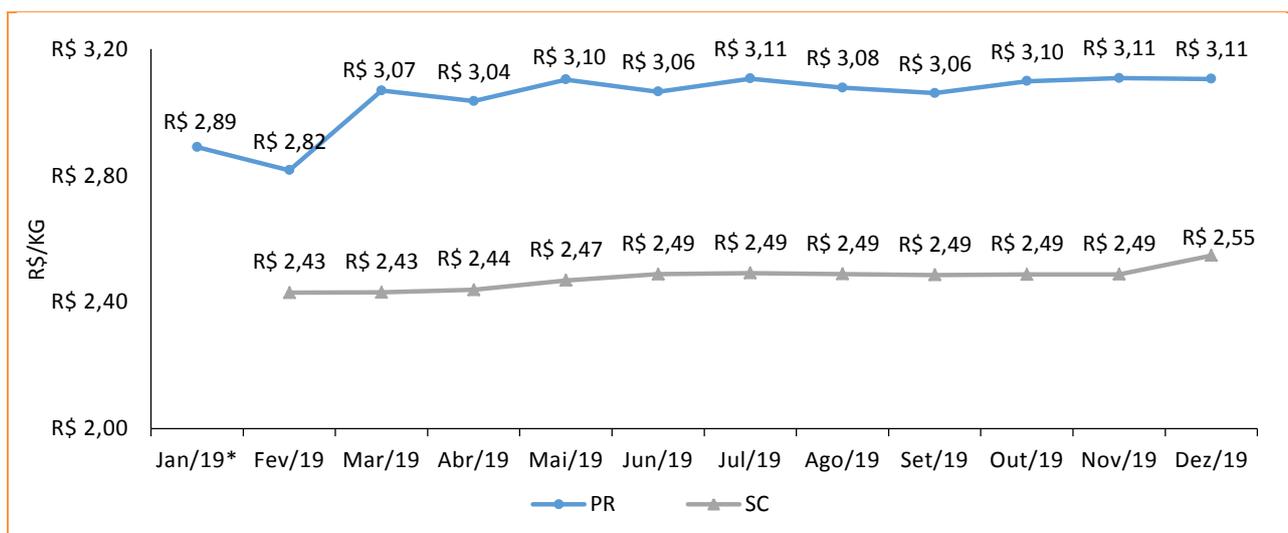


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, São Paulo e Paraná: preço médio nominal mensal pago aos avicultores – 2019*

Nota: * Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro de 2019.

** Não foram divulgados dados para o estado de São Paulo nos meses de outubro e novembro de 2019

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Em Santa Catarina, os preços do frango vivo apresentaram comportamentos distintos durante o 1º semestre nas duas principais regiões produtoras (Chapecó e Joaçaba), conforme evidencia a Figura 2. Enquanto em Chapecó registrou-se queda nos primeiros meses do ano, em Joaçaba os preços mantiveram-se inicialmente estáveis e depois registraram alta. O 2º semestre foi marcado pela estabilidade em ambas as regiões e na média estadual, com exceção da alta registrada em dezembro. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, os preços de dezembro de 2019 apresentam queda de 4,48% em Chapecó e de 5,04% na média estadual. Na região de Joaçaba, a coleta de preços iniciou somente em fevereiro de 2019, razão pela qual não é possível fazer comparações com o ano anterior.

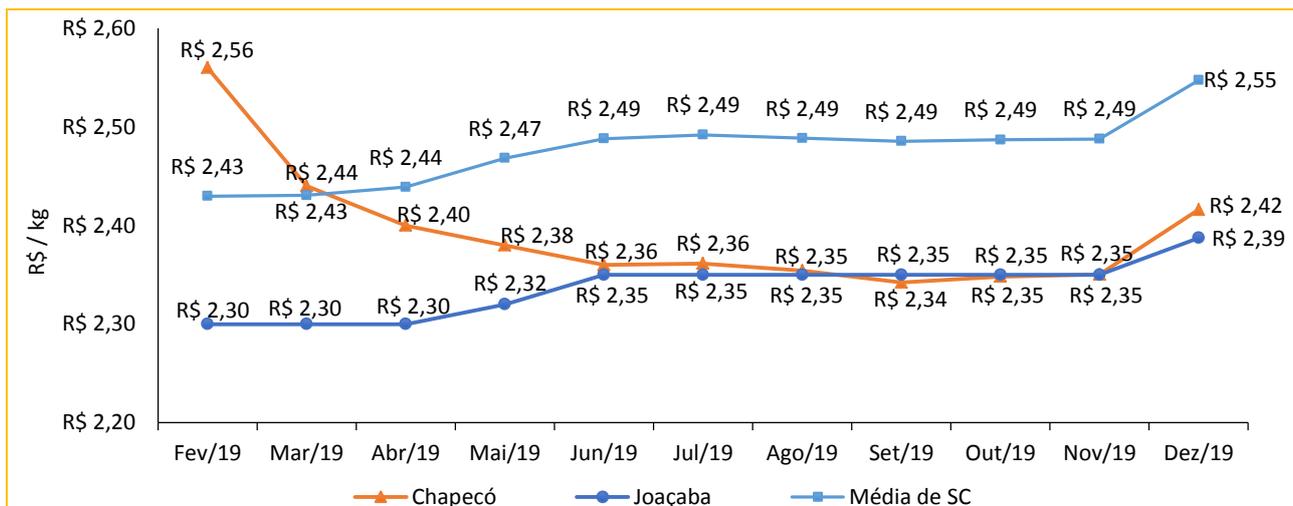


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais regiões produtoras e média estadual

Nota: ⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

No mercado atacadista, a carne de frango apresentou variações distintas ao longo de 2019, de acordo com o período e o tipo de corte. De forma geral, ao longo do 1º semestre predominaram os movimentos de alta. O 2º semestre, por sua vez, iniciou com preços relativamente estáveis, não obstante algumas oscilações pouco intensas. Contudo, no último bimestre do ano novamente se observaram altas significativas, decorrentes do aumento sazonal de demanda desse período e do processo de substituição da carne bovina por outras proteínas de origem animal de menor custo.

Na comparação entre dezembro de 2019 e o mesmo mês de 2018, todos os quatro cortes cujo preço de atacado é acompanhado pela Epagri/Cepa registraram variações positivas bastante significativas: 37,11% para coxa/sobrecoxa congelada, 18,87% para o frango inteiro congelado, 15,65% para o filé de peito congelado e 13,57% para o peito com osso congelado. A variação média dos quatro cortes foi de 21,30%. Vale mencionar que, em 2018, esses cortes haviam registrado variação média de 38,61% em relação ao ano anterior.

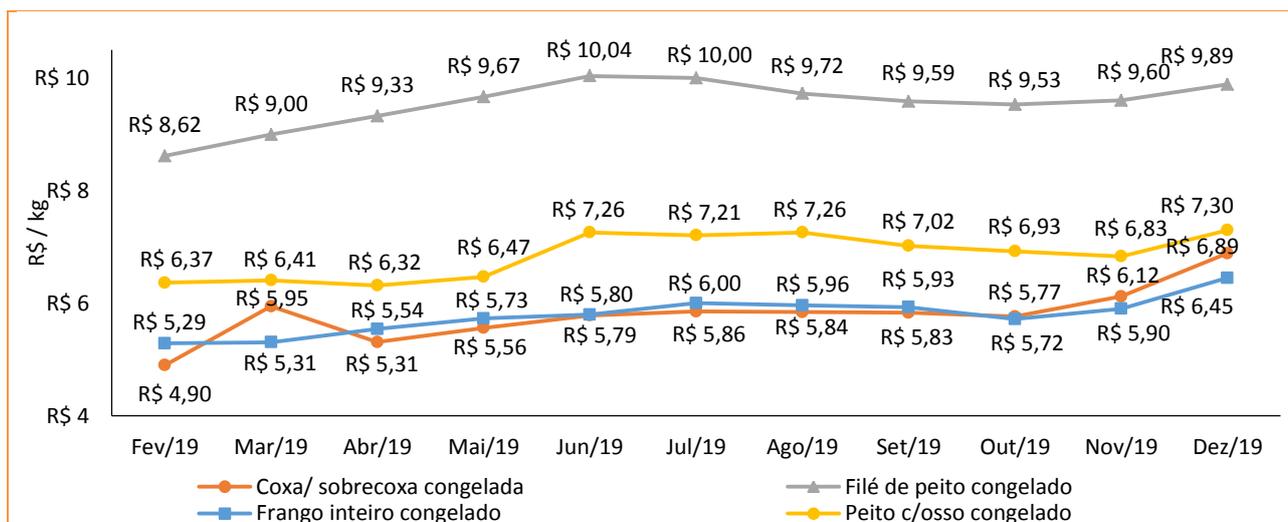


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: Atacado – preço médio mensal estadual – 2019

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

A equivalência insumo/produto, índice utilizado para avaliar a relação entre os preços do produto e do principal insumo, manteve-se estável ao longo dos primeiros meses do ano, com leve tendência de queda. Em junho, esse movimento foi interrompido pela forte alta no preço do milho registrada naquele mês (9,39%). No último quadrimestre, registrou-se tendência de alta, mais uma vez decorrente da elevação observada no preço de atacado do milho.

Em dezembro de 2019, a relação de equivalência apresentava valor 22,91% superior àquele observado no mesmo mês do ano anterior.

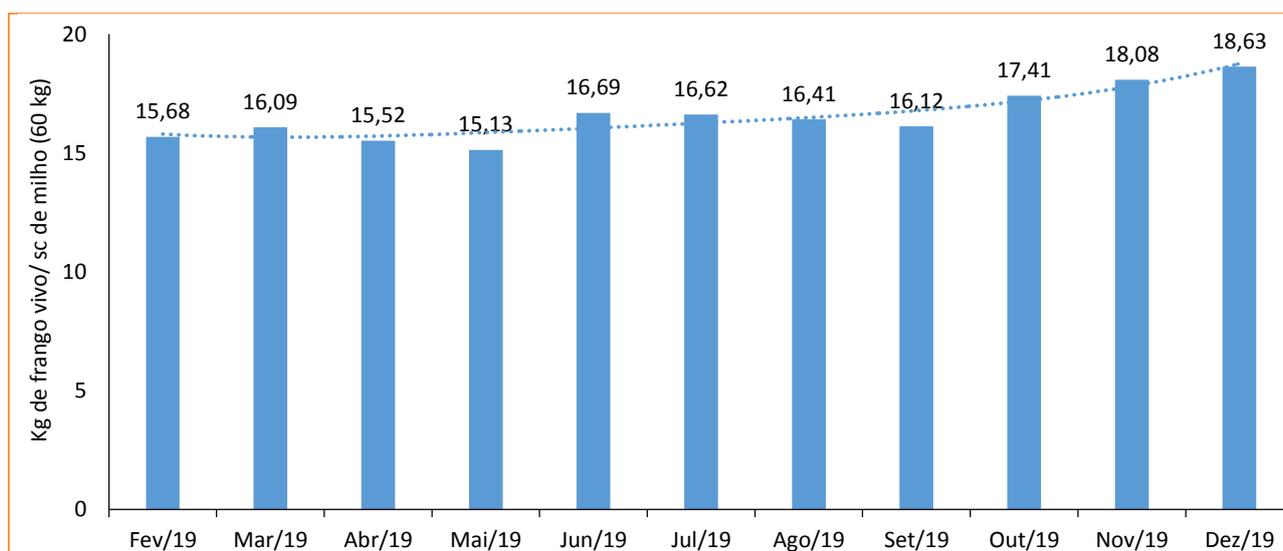


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir uma saca de milho – 2019

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Assim como a relação de equivalência, os custos de produção apresentaram alta durante o ano passado. O Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa, registrou elevação de 5,97% em 2019. Grande parte disso é devido aumento dos custos com alimentação (4,04%), pintos de 1 dia (0,72%) e mão de obra (0,55%).

Comércio exterior

Em 2019, o Brasil exportou **4,12 milhões de toneladas** de carne de frango, quantidade **2,57% maior** que no ano anterior. Em termos de receitas, a alta foi ainda mais significativa: **US\$ 6,90 bilhões**, crescimento de **7,74%** em relação a 2018.

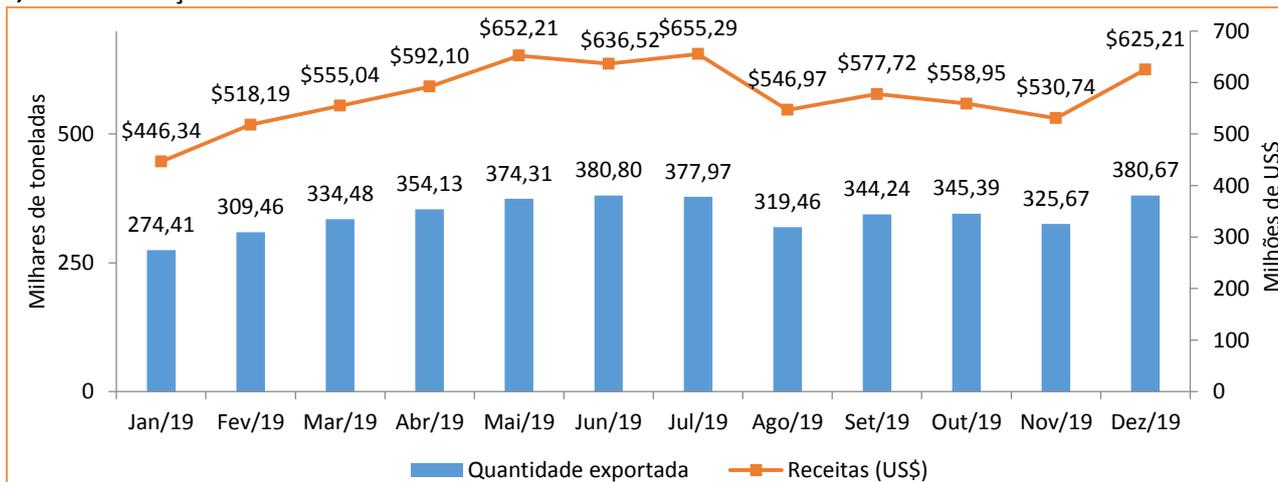


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas – 2019

Fonte: Comex Stat/ME.

Os cinco principais destinos externos da carne de frango brasileira no ano passado foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, que responderam por 53,30% das receitas.

As exportações catarinenses, por sua vez, apresentaram desempenho um pouco inferior ao nacional: em 2019, foram embarcadas **1,26 milhão** de toneladas, **0,28% abaixo** do que foi registrado em 2018. As receitas foram de **US\$ 2,19 bilhões**, **aumento de 3,06%** em relação ao ano anterior. Esse resultado positivo nas receitas deve-se, principalmente, à melhoria no valor médio da tonelada de frango no mercado internacional, especialmente ao longo do 1º semestre de 2019.

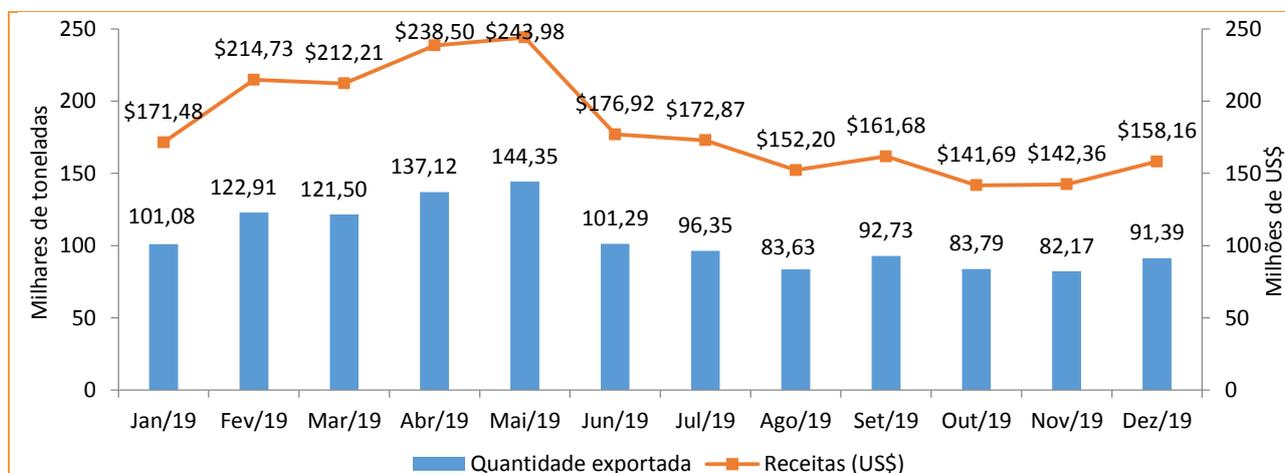


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas – 2019

Fonte: Comex Stat/ME.

O estado respondeu por **31,71%** do valor das exportações brasileiras de carne de frango em 2019, percentual inferior ao ano anterior, quando a participação catarinense foi de 33,16%.

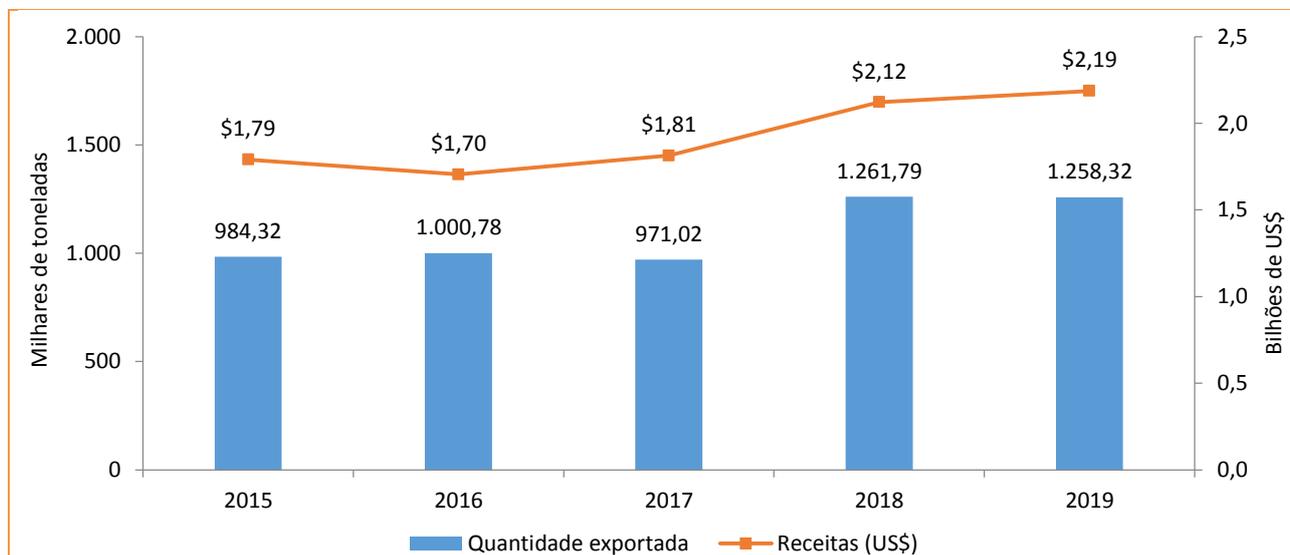


Figura 7. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas – 2015/2019

Fonte: Comex Stat/ME.

Apesar da queda no volume embarcado, é importante ressaltar que em 2019 registrou-se o segundo melhor resultado da série histórica (que inicia em 1997) em termos de quantidade, atrás apenas de 2018. Quanto às receitas, 2019 constitui-se no terceiro maior valor já registrado. Ou seja, não obstante algumas variações negativas, o ano foi bastante positivo para o setor.

Em 2019, Santa Catarina exportou carne de frango para 133 países. Os cinco principais destinos foram responsáveis por 52,28% do valor das exportações do estado.

Tabela 1. Carne de Frango - Santa Catarina: Principais destinos das exportações – 2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	350.196.117,00	182.762
China	264.177.582,00	139.535
Emirados Árabes Unidos	185.511.794,00	104.397
Arábia Saudita	182.531.467,00	108.989
Países Baixos (Holanda)	160.722.518,00	71.088
Demais países	1.043.626.828,00	651.547
Total	2.186.766.306,00	1.258.318

Fonte: Comex Stat/ME.

O Japão, principal destino externo do frango catarinense, reduziu em 4,93% suas importações do estado em relação ao ano anterior, o que foi decisivo para a queda do total embarcado em 2019, não obstante a alta de 1,77% em termos de receitas das exportações para aquele país. Também se destacam as quedas nos embarques para outros importantes compradores, como a Arábia Saudita (-6,46% em valor e -11,25% em quantidade), Iraque (-26,66% e -25,12%) e México (-35,94% e -45,10%).

Por outro lado, o crescimento dos embarques para China (19,72% em valor e 6,04% em quantidade), Emirados Árabes Unidos (16,01% e 14,51%) e Reino Unido (35,56% e 36,67%), entre outros, compensaram parcialmente as quedas.

Perspectivas para 2020

Grande parte dos analistas do mercado de carnes acredita que 2020 será um ano positivo para o setor avícola. Segundo o Rabobank, a produção deve crescer 1,48%, com alta de 2,63% nas exportações de carne de frango. A principal razão para esse cenário otimista é a continuidade da crise sanitária decorrente da peste suína africana (PSA) na China, fator que deve seguir afetando o mercado global.

De forma semelhante, o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) avalia que a forte demanda internacional deve continuar a sustentar os preços das carnes no mercado brasileiro durante este ano. A elevação nos preços da carne bovina no último trimestre de 2019 e a manutenção de patamares elevados pode fazer com que parte dos consumidores migre para proteínas de menor custo, como a suína e a de frango, avalia o Cepea. Esse fenômeno deve provocar um aumento da demanda no mercado interno, pressionando os preços para cima.

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal, a produção brasileira de carne de frango deve crescer entre 4% e 5% em 2020, enquanto para as exportações projeta-se alta de 3% a 6%. De acordo com a entidade, o Brasil aumentou os alojamentos de frango em 2019 e está em melhores condições para elevar produção e exportações no ano que vem. Tal cenário baseia-se na perspectiva de aumentos expressivos na demanda da Ásia, em especial da China, da habilitação de novas plantas frigoríficas e, também, no aumento do “mix” de produtos. Atualmente, 46 plantas brasileiras de carne de frango estão habilitadas a exportar para a China.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), por sua vez, em relatório publicado em outubro de 2019, estimou crescimentos significativos para o setor avícola brasileiro: alta de 2,49% na produção de frangos e de 4,49% nas exportações brasileiras em 2020.

Apesar das boas perspectivas em relação ao crescimento das exportações e à manutenção de preços mais compensadores ao produtor, um fator que deve preocupar o setor ao longo deste ano é o aumento nos custos de produção. As exportações brasileiras de milho, principal componente das rações, deverão se manter elevadas em 2020, o que diminui a oferta no mercado interno e resulta em alta nos preços do produto. Associado a isso, problemas climáticos em diversas regiões podem resultar em queda na produção do cereal. Por fim, há também perspectivas de aumento na produção de etanol de milho, o que diminui ainda mais a oferta.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços do boi gordo estiveram relativamente estáveis ao longo do ano de 2019, com leve tendência de alta na maioria das praças. Contudo, a partir de meados de setembro passaram a ser percebidas variações mais acentuadas nos principais estados produtores, conforme fica evidenciado no gráfico a seguir.

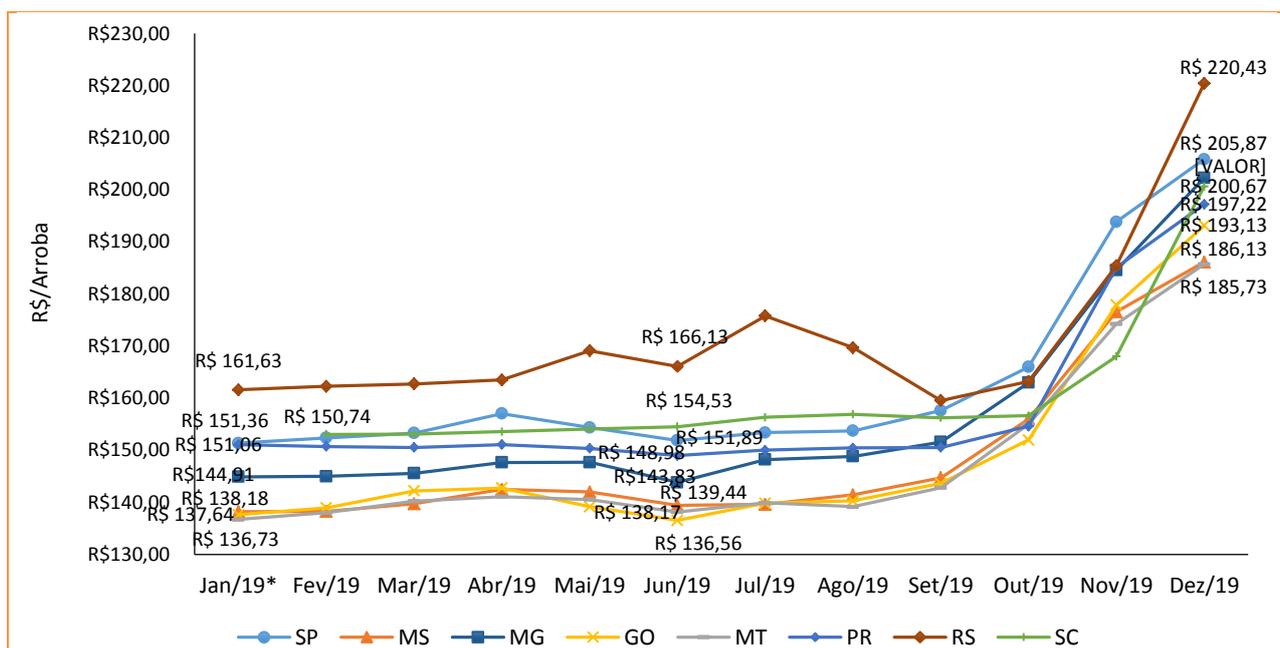


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba – 2019

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾.

Na comparação entre os preços de dezembro de 2018 e aqueles praticados no mesmo mês de 2019, verifica-se que todos os estados analisados apresentaram variações positivas bastante significativas: 40,31% em Minas Gerais, 40,03% em Goiás, 39,12% no Rio Grande do Sul, 38,02% em São Paulo, 37,97% no Mato Grosso, 33,25% em Santa Catarina, 30,44% no Mato Grosso do Sul e 30,19% no Paraná. Estes percentuais levam em consideração os valores nominais, ou seja, não contabilizam as perdas inflacionárias. A inflação acumulada em 2019 foi de 4,31%, segundo o IPCA/IBGE. Aliás, vale mencionar que um dos fatores que impactou fortemente na inflação do ano passado foi justamente a alta nos preços das carnes.

Esse movimento de alta acentuada teve como consequência mais imediata a redução no consumo de carne bovina, o que acabou resultando na desaceleração e queda dos preços a partir da segunda semana de dezembro. Contudo, a baixa oferta de animais nesse período freou recuos maiores no preço do boi gordo. Em Santa Catarina, os preços do boi gordo se mantiveram relativamente estáveis ao longo do ano passado, com leve tendência de alta no período. A partir de novembro foram registradas altas bastante significativas no estado. Esse “atraso” está associado ao fato de Santa Catarina apresentar baixa inserção no mercado internacional de carne bovina, dada sua reduzida produção em relação ao consumo, e à dinâmica do efeito de “transbordamento” dos principais estados produtores e exportadores, como veremos adiante.

Na comparação entre os preços de dezembro de 2019 e os praticados no mesmo mês do ano anterior, há variações bastante significativas nas duas praças de referência: 36,29% em Chapecó e 31,36% em Lages. A média estadual, elaborada a partir dos preços de 10 praças de coleta, também apresentou alta expressiva: 33,25%.

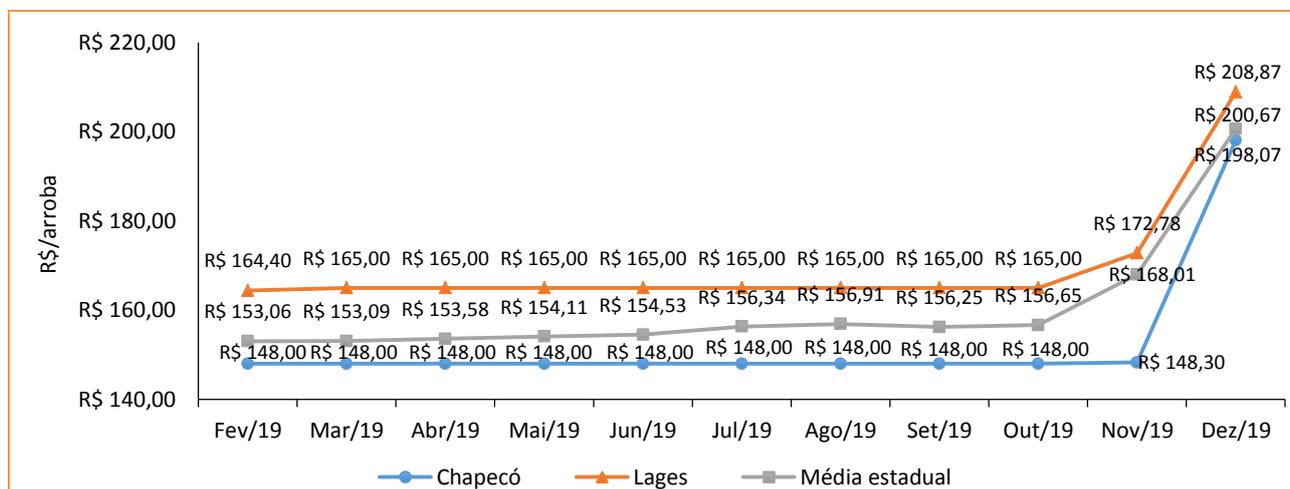


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual – 2019

Fonte: Epagri/Cepa.

Assim como os preços ao produtor, os preços de atacado da carne bovina mantiveram-se relativamente estáveis em Santa Catarina ao longo de quase todo o ano de 2019. Contudo, no último bimestre do ano registraram-se variações bastante significativas. Em relação ao mesmo mês de 2018, os preços de dezembro de 2019 apresentam alta de 44,92% para a carne de dianteiro e de 32,50% para a de traseiro.

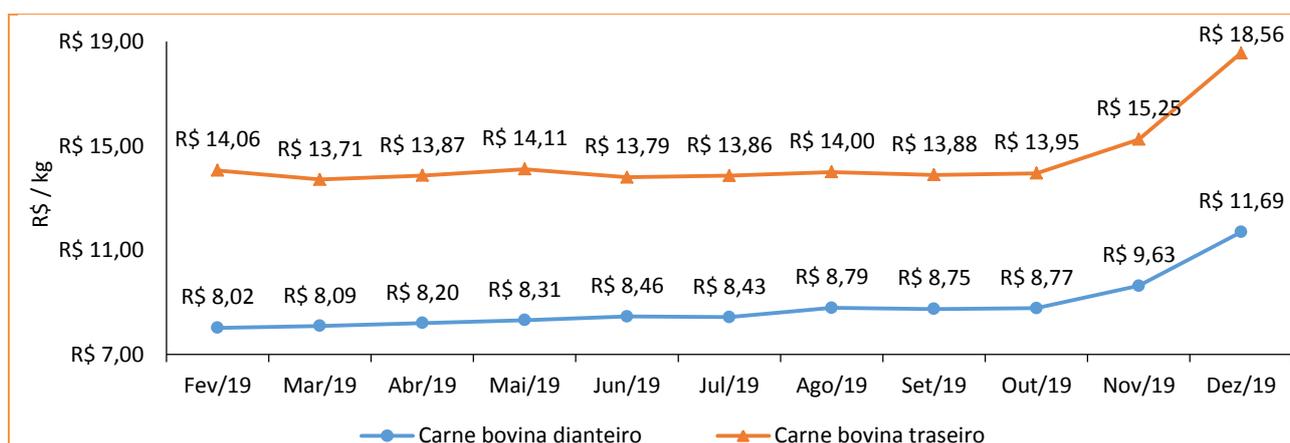


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: Atacado – preço médio mensal estadual – 2019

Fonte: Epagri/Cepa.

Em termos nacionais, o preço da carne bovina subiu 32,4% em 2019, conforme divulgado pelo IBGE, sendo um dos principais itens a influenciar a alta da inflação medida pelo IPCA.

Esses aumentos nos preços da carne bovina são decorrentes da conjunção de fatores sazonais e conjunturais, detalhados na sequência.

Baixa disponibilidade de bovinos prontos para abate

As pastagens são a base da alimentação de quase 90% dos animais abatidos no país. Não obstante as vantagens em termos de custos de produção, esse modelo produtivo resulta em variações significativas na oferta de animais terminados ao longo do ano, de acordo com a disponibilidade e qualidade das pastagens.

No Centro-Oeste, região que responde por 37% da produção, a entressafra geralmente vai de junho a novembro. A partir de setembro ou outubro recomeçam as chuvas, sendo necessários alguns meses até que as pastagens atinjam seu auge e os animais ganhem peso suficiente. Em outubro, portanto, quando se observou o primeiro salto nos preços do boi gordo, havia reduzida oferta de animais prontos para abate.

Vale destacar que, em função das altas observadas no último trimestre do ano, a Associação Nacional de Pecuária Intensiva (Assocon) estima uma alta de 5% no número de animais confinados em 2019 em comparação com 2018.

Elevação da demanda de carne bovina

Em função das festividades de final de ano e da alavancagem da renda das famílias via entrada dos recursos do 13º salário, tradicionalmente se observa um aumento no consumo de carnes nesse período, em especial, a bovina. Supermercados e açougues começam a fazer estoques para o final do ano ainda em novembro. Em função disso, os frigoríficos buscam ampliar suas escalas de abate adquirindo mais animais. Combinado com o cenário de baixa oferta mencionado no tópico anterior, esse movimento resulta na elevação sazonal do valor pago pela arroba bovina.

Ampliação do abate de fêmeas

Nos últimos anos, observou-se um pequeno aumento no abate de fêmeas (vacas e novilhas), o que reduz o nascimento de bezerros nos anos seguintes e, dessa forma, diminui a oferta de bovinos no mercado. Esse processo costuma ocorrer em períodos de estagnação nos preços pagos ao produtor, o que desestimula a retenção de fêmeas por parte dos pecuaristas. Em 2016, de acordo com os dados do IBGE, as fêmeas representaram 38,6% dos animais abatidos no Brasil, um dos menores índices da década. Contudo, nos anos seguintes esse percentual subiu, atingindo 41,6% em 2018.

Valorização do dólar

A valorização do dólar em relação ao real também contribui para esse cenário, uma vez que melhora a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional e, ao mesmo tempo, amplia a rentabilidade dos mesmos, muitas vezes tornando essa alternativa mais atraente que o mercado interno. O dólar comercial começou o ano de 2019 valendo R\$ 3,73 (média de janeiro) e atingiu seu pico em novembro, mês que foi encerrado com a cotação de R\$ 4,24, alta de 13,5% no período.

Aumento das exportações de carne bovina

Desde o 2º semestre de 2018, as exportações brasileiras de carne bovina apresentam números bastante expressivos, movimento que se manteve em 2019. De janeiro a dezembro de 2019, foram exportadas 1,85 milhão de toneladas, incremento de 12,48% em relação ao ano anterior. Um dos fatores que contribuiu para esses resultados é a ampliação dos embarques para a China, que desde agosto de 2018 enfrenta um grave surto de peste suína africana (PSA), que provocou redução de mais de 40% no rebanho suíno do país. Tal cenário levou os chineses a ampliarem suas importações de proteínas de origem animal, com vistas a atender a demanda de seu mercado doméstico.

Em setembro de 2019, a China habilitou 17 novos frigoríficos brasileiros para exportarem carne bovina para aquele país. Com isso, essas empresas ampliaram suas compras de gado para atender a nova demanda. Esse movimento, associado aos fatores descritos anteriormente, é apontado como um dos principais responsáveis pela escalada dos preços do boi gordo a partir de outubro.

Esse processo foi observado primeiramente nos estados que lideram o ranking de exportações de carne bovina, como é o caso de São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Posteriormente, a tendência de alta acentuada “transbordou” para os demais estados, afetando também Santa Catarina.

Custos

O mercado dos animais de reposição apresentou relativa estabilidade durante todo o 1º semestre de 2019. A partir do início do 2º semestre, observou-se predominância de altas, em especial no caso dos novilhos de 1 a 2 anos, que se tornaram mais acentuadas no último trimestre. Esse comportamento está relacionado à elevação nos preços do boi gordo, já mencionado anteriormente, o que elevou a demanda por animais de reposição. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, os preços médios estaduais de dezembro de 2019 apresentaram altas de 17,51% para os bezerros de até 1 ano e de 18,84% para os novilhos de 1 a 2 anos.

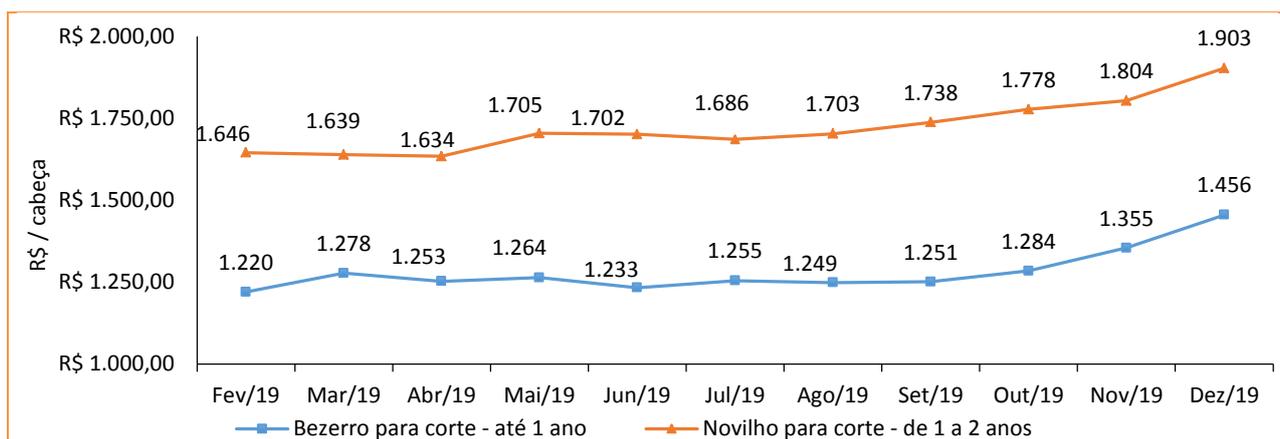
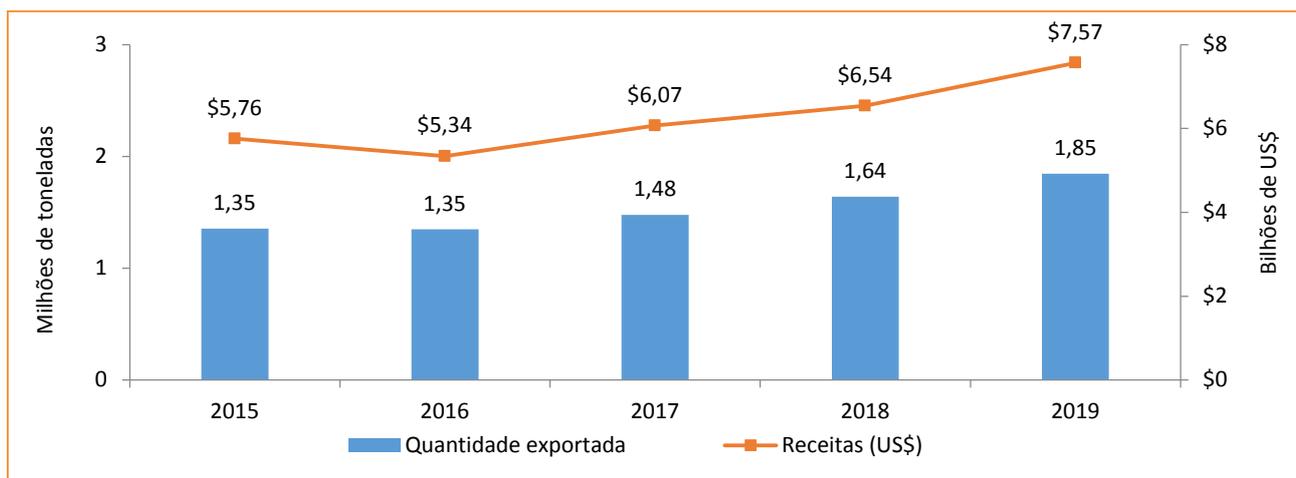


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual – 2019

Fonte: Epagri/Cepa.

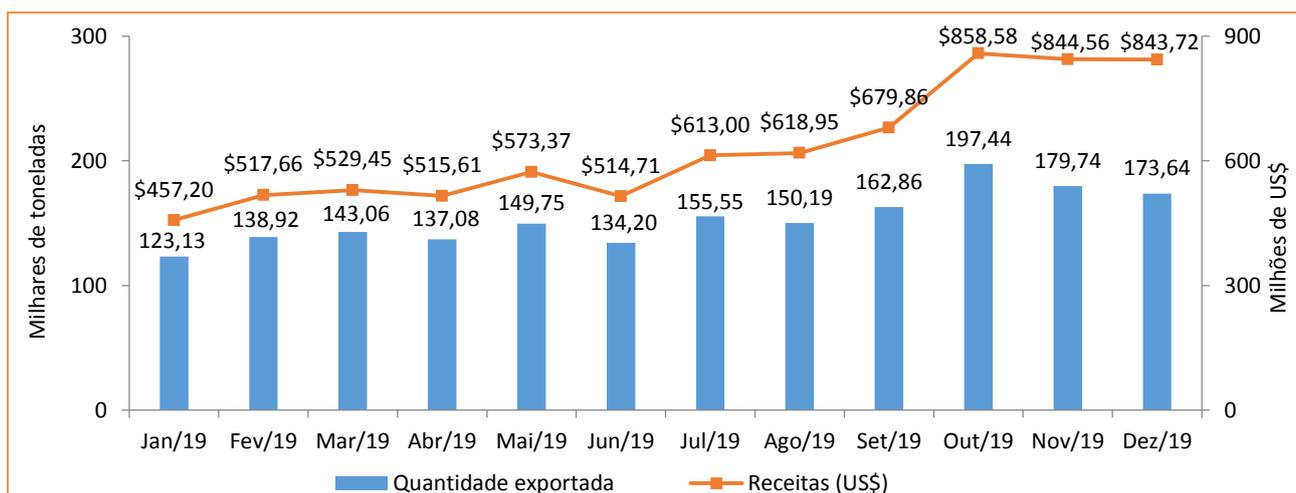
Comércio exterior

Em 2019, o Brasil exportou **1,85 milhão** de toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), aumento de **12,48%** em relação ao volume do ano anterior, estabelecendo um novo recorde e consolidando a posição do país como principal exportador mundial desse produto. As receitas também apresentaram variação positiva, estabelecendo-se um novo recorde: **US\$6,57 bilhões**, incremento de **15,65%** em relação a 2018.


Figura 6. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas – 2015/2019

Fonte: MDIC/Comex Stat.

O melhor resultado mensal foi registrado em outubro, quando foram exportadas 197,44 mil toneladas, maior volume de carne bovina já embarcado pelo Brasil num único mês.


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas – 2019

Fonte: MDIC/Comex Stat.

A carne bovina brasileira foi exportada para 154 países em 2019. Os cinco principais compradores responderam por 65,94% das receitas geradas no período.

Tabela 1. Brasil: Principais destinos das exportações de carne bovina – 2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	2.677.500.454,00	494.078
Hong Kong	1.099.418.544,00	342.874
Egito	478.468.846,00	163.644
Chile	417.617.948,00	108.607
Estados Unidos	316.287.047,00	38.477
Demais países	2.577.375.906,00	697.893
Total	7.566.668.745,00	1.845.573

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Os bons resultados do ano passado foram devidos, principalmente, à China, que ampliou suas aquisições em **53,05%** em quantidade e **80,05%** em valor, tornando-se o principal destino da carne bovina brasileira. Somando-se as exportações para a China continental e Hong Kong (região administrativa da China), verifica-se que esse mercado respondeu por 49,92% das receitas brasileiras com esse produto em 2019. Também merece destaque a retomada dos embarques para a Rússia, mercado que esteve fechado para a carne bovina brasileira durante quase todo o ano de 2018. Em 2019, a Rússia importou 69,13 mil toneladas, ocupando a 7ª posição no ranking desse ano.

Santa Catarina, por sua vez, que havia apresentado bons resultados em 2018, registrou queda nas exportações de carne bovina em 2019. Foram exportadas **3,75 mil toneladas** de carne bovina, com receitas de **US\$ 10,90 milhões**, queda de **21,33%** e **26,36%** em relação ao ano anterior, respectivamente. O estado exportou carne bovina para 37 países, sendo Hong Kong o principal destino, com 66,69% das receitas.



Figura 5. Carne bovina – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas – 2019

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Perspectivas para 2020

Assim como já ocorreu em 2019, o ano de 2020 deve ser excelente para o setor produtivo da carne bovina do Brasil. Segundo relatório publicado pelo Rabobank, a produção deve crescer 3,5% este ano. Para as exportações, o banco espera alta de 10,6% em 2020, estabelecendo-se novo recorde.

As exportações devem, mais uma vez, ser impulsionadas pela demanda chinesa, já que o país continuará sendo fortemente afetado pelos efeitos do surto de PSA. Além disso, a gradual retomada dos embarques para a Rússia, mercado que esteve fechado durante praticamente todo o ano de 2018, deve contribuir para ampliar os resultados este ano. Outros mercados que devem ganhar maior relevância em 2020, segundo análise do Rabobank, são a Indonésia e a Arábia Saudita.

A Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), por sua vez, estima um crescimento de 10% nas exportações de carne bovina deste ano. Segundo a entidade, além da demanda gerada pela PSA na Ásia e da abertura de novos mercados, essa previsão está alicerçada na expectativa de habilitação de frigoríficos brasileiros pelos Estados Unidos.

Em relatório publicado em outubro de 2019, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), estimou crescimento ainda mais significativo para as exportações de carne bovina do Brasil em 2020: 15,56%. Em relação à produção brasileira, a agência estadunidense projeta crescimento de 2,69%.

No cenário doméstico, o Rabobank espera crescimento mais significativo da demanda em 2020, a depender da velocidade do crescimento da economia.

Como as projeções apontam um crescimento da produção menor do que a ampliação das exportações, a oferta de carne bovina no mercado interno deve seguir restrita, o que implica na manutenção de patamares de preços mais elevados que nos anos anteriores. Por outro lado, uma possível redução na demanda deve manter o mercado relativamente estável este ano, sem aumentos vertiginosos como os observados no último trimestre de 2019.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Desde o princípio, as projeções para o ano de 2019 apontavam um cenário bastante favorável para o setor suinícola, principalmente em função da expectativa de crescimento das exportações, em decorrência do surto de peste suína africana (PSA) que, desde agosto de 2018, atinge a China, provocando uma queda significativa na produção de carne suína daquele país.

De fato, o 1º semestre de 2019 foi marcado pela predominância dos movimentos de alta nos preços do suíno vivo nos principais estados produtores. Contudo, a partir de meados de julho observou-se um forte movimento de queda, que teve continuidade em agosto, o qual foi decorrente, principalmente, da estagnação da demanda do mercado interno. Com isso, grande parte dos frigoríficos reduziu o ritmo dos abates, para evitar acúmulos excessivos nos seus estoques. Uma queda pontual nas exportações de agosto também contribuiu para intensificar esse processo. Com a retomada nos ritmos de exportação nos meses seguintes, os preços ao produtor voltaram a registrar altas expressivas em todos os estados, tendência que se manteve até o final do ano.

Na comparação entre os preços médios de dezembro de 2019 e os valores registrados no mesmo mês de 2018, as variações são bastante significativas nos cinco estados analisados: 70,13% no Rio Grande do Sul, 58,05% em São Paulo, 56,62% em Minas Gerais, 53,27% no Paraná e 45,54% em Santa Catarina. A inflação acumulada em 2019 foi de 4,31%, segundo o IPCA/IBGE.

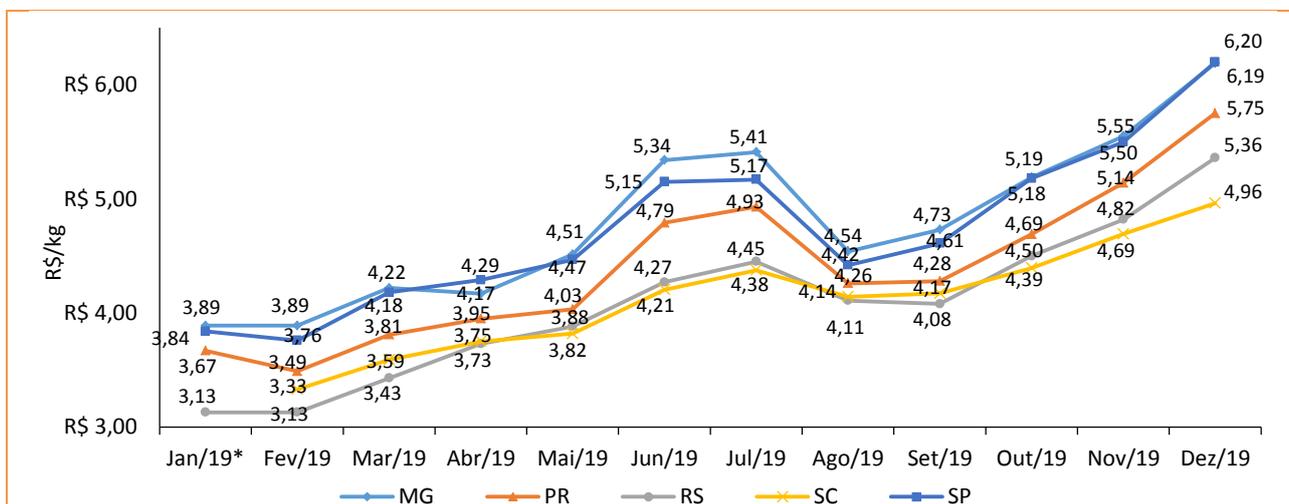


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor nos principais estados – 2019

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Chapecó, praça de referência para o preço do suíno vivo em Santa Catarina, também se registrou predomínio do movimento de alta ao longo de todo o ano de 2019. Em relação a 2018, os preços de dezembro de 2019 apresentaram variação bastante expressiva: 44,55% para os produtores integrados e 50,00% para os independentes.

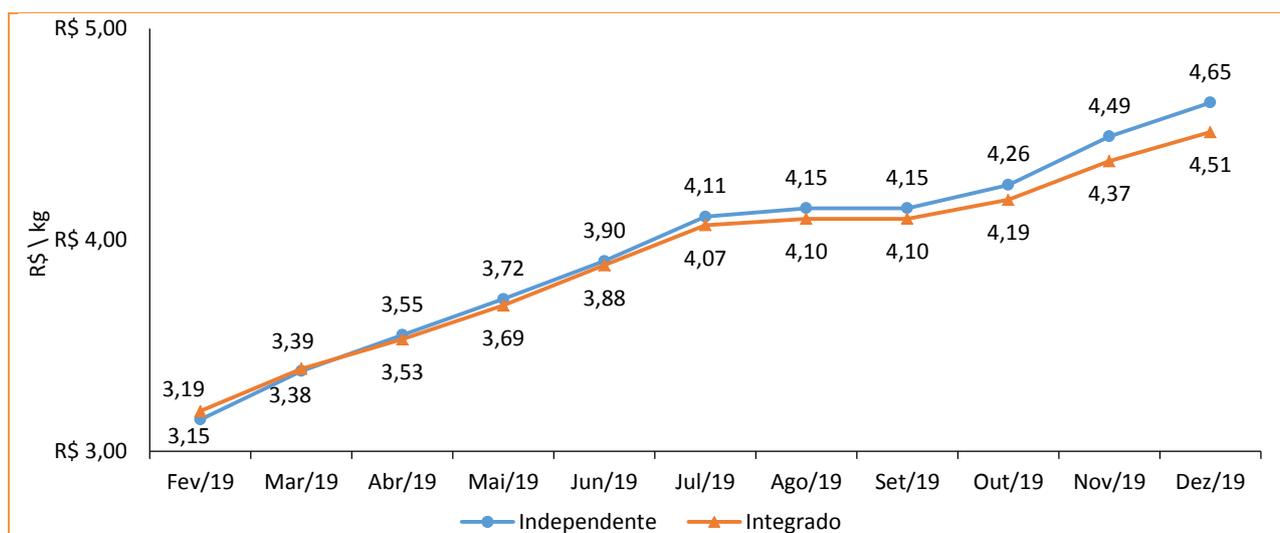


Figura 2. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal ao produtor independente e produtor integrado – 2019

Nota: * Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

No mercado atacadista, embora também com predominância da tendência de alta, observaram-se variações menos abruptas e expressivas. Isso deve-se, em grande parte, à relativa estagnação do mercado interno, o que dificulta o repasse ao consumidor das altas observadas nos preços do suíno vivo. No último trimestre observaram-se altas um pouco mais expressivas no preço de atacado da maioria dos cortes suínos. Isso deve-se ao aumento das exportações nesse período e consequente redução da disponibilidade, bem como ao aumento da demanda no mercado interno, em função da alta nos preços da carne bovina, que levou parte dos consumidores a buscar opções de menor custo.

Todos os cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa apresentaram variações importantes nas médias de dezembro de 2019 em relação ao mesmo mês do ano anterior: carcaça (40,00%), pernil (37,89%), costela (32,22%), carré (24,61%) e lombo (23,68%). Na média dos quatro cortes, a variação foi de 31,69% nesse período.

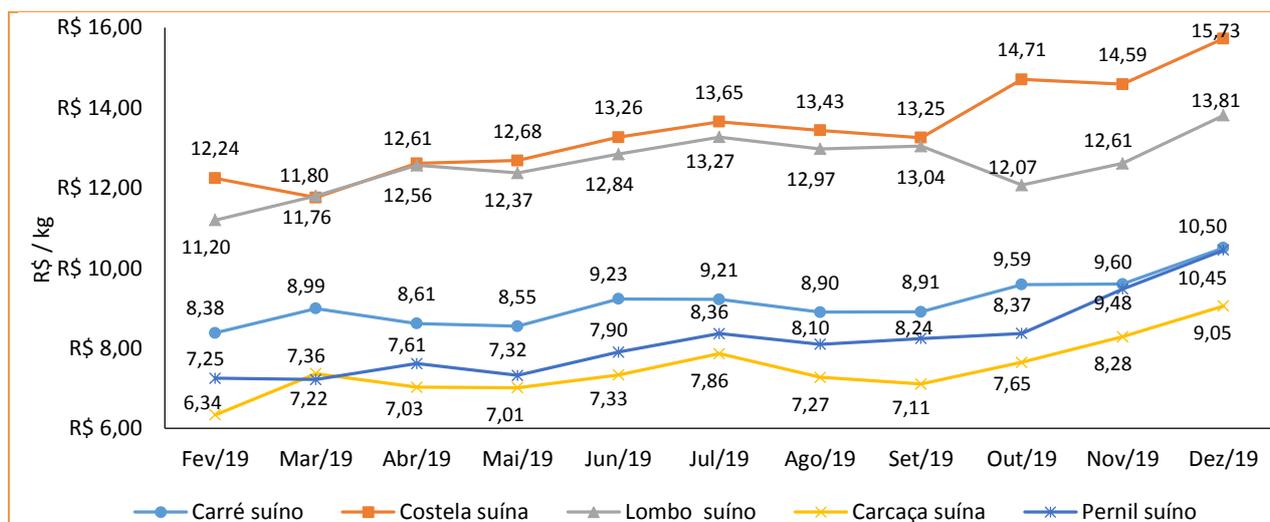


Figura 3. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual de diversos cortes suínos no atacado – 2019

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Impulsionados pela forte demanda, os preços dos leitões apresentaram comportamento semelhante ao que se observou para os suínos vivos, com predominância do movimento de alta ao longo de todo o ano de 2019. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, os valores de dezembro de 2019 apresentaram altas de 41,94% para os leitões de 6 a 10kg e de 42,35% para leitões com +/-22kg.

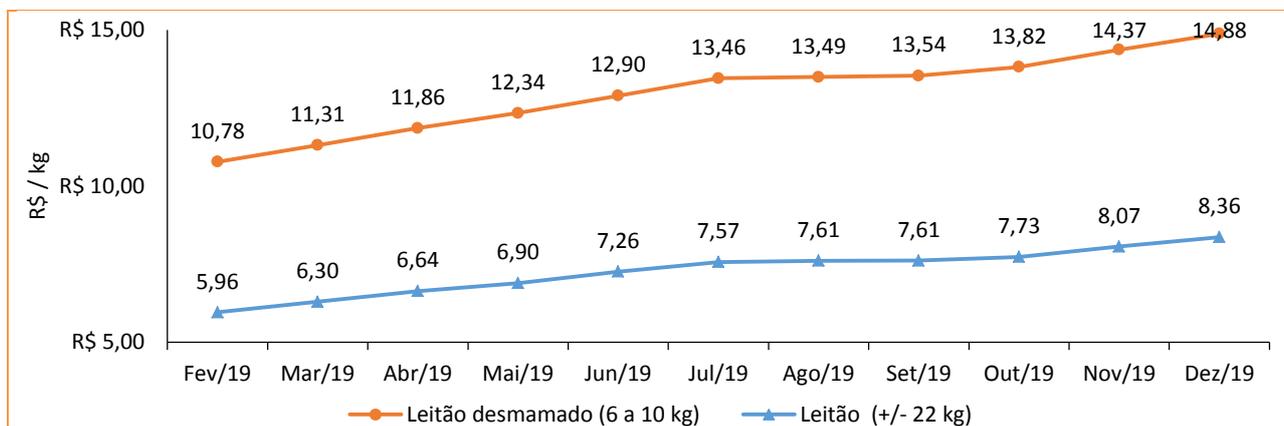


Figura 4. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria – 2019

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos referentes à praça de Chapecó, começou o ano com quedas consecutivas, decorrentes, principalmente, do movimento de alta no preço do suíno vivo. Embora os preços do suíno tenham continuado a subir no 2º semestre, o índice se estabilizou, já que a partir de outubro foram registradas altas significativas também no preço do milho. Como a variação no preço do suíno vivo ao longo dos últimos 12 meses foi muito mais significativa que a elevação da cotação do milho, o índice de equivalência finalizou o ano de 2019 com queda de 20,28% em relação a dezembro do ano anterior.

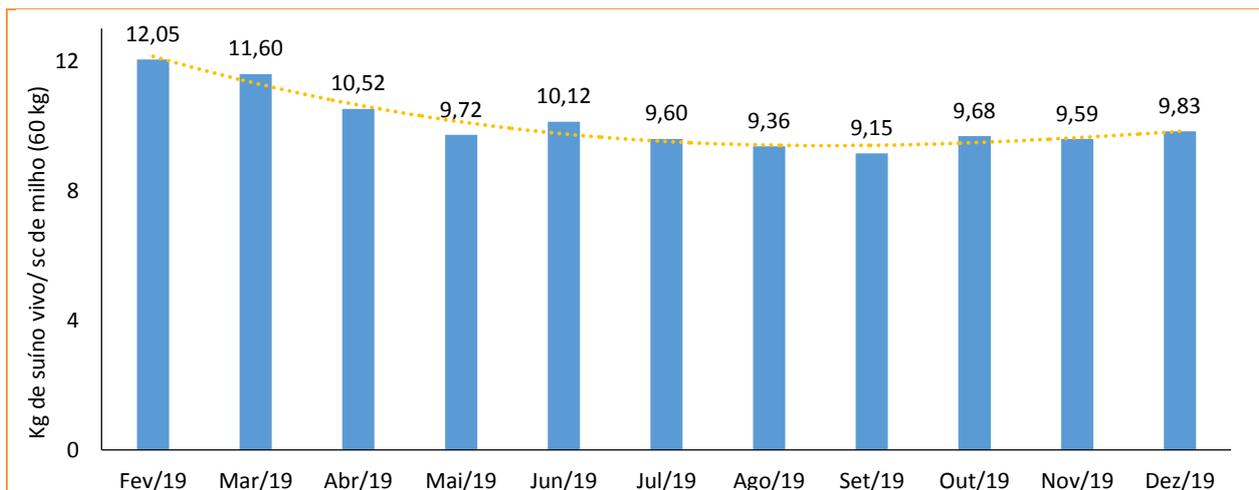


Figura 5. Chapecó/SC: Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir uma saca de milho (60kg) – 2019

Nota: Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

Fonte: Epagri/Cepa.

Segundo o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno), calculado pela Embrapa, em 2019 registrou-se alta de 8,64% nos custos de produção. Essa variação é decorrente, principalmente, do aumento de 7,21% no desembolso com alimentação dos animais, item que representa mais de 77% dos custos totais.

Comércio exterior

Depois de terem sido prejudicadas pelo embargo russo em 2018, as exportações brasileiras de carne suína registraram excelentes resultados em 2019. Foram embarcadas **737,17 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **16,01%** em relação a 2018. Mais do que um bom resultado, esse é o maior montante já exportado pelo Brasil desde 1997, quando tem início a série histórica disponibilizada pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME). No caso das receitas, a alta foi ainda mais significativa: **US\$ 1,58 bilhão**, **33,05%** acima do valor registrado em 2018. Esse é o segundo maior valor já exportado pelo país, ficando atrás apenas de 2017.

Durante o primeiro semestre, predominou o crescimento contínuo das receitas e dos volumes exportados, movimento interrompido em junho. A partir de setembro voltou-se a observar nova tendência de alta.

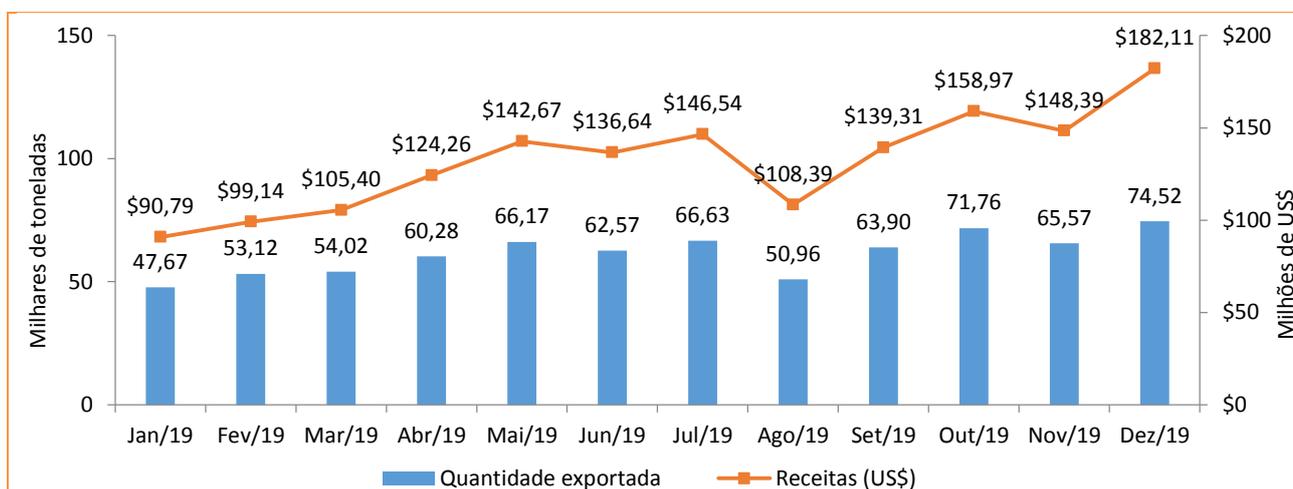


Figura 6. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas – 2019

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Este forte crescimento das exportações deve-se, principalmente, ao significativo incremento nos embarques para a China, principal destino da carne suína brasileira. Desde agosto de 2018, a China enfrenta um severo surto de peste suína africana, que reduziu em quase 40% o rebanho suíno daquele país e afetou também a produção de carne. Por conta disso, os chineses precisaram ampliar suas aquisições de proteína de origem animal no mercado internacional. Em 2019, o Brasil exportou 248,80 mil toneladas de carne suína para a China, gerando receitas de US\$ 613,99 milhões. Na comparação com o ano anterior, esses valores representam aumentos de 59,24 e 101,49%, respectivamente. China e Hong Kong (que é uma região administrativa especial da China) responderam por 57,89% das receitas brasileiras com exportações de carne suína no ano passado.

As exportações catarinenses de carne suína também apresentaram crescimento significativo em 2019: foram embarcadas **411,36 mil toneladas**, aumento de **14,26%** em relação ao ano anterior. As receitas, por sua vez, apresentaram incremento ainda mais expressivo: **US\$ 856,61 milhões**, alta de **30,98%**. Tais resultados representam um recorde histórico nas exportações de carne suína do estado, tanto em valor como em quantidade.

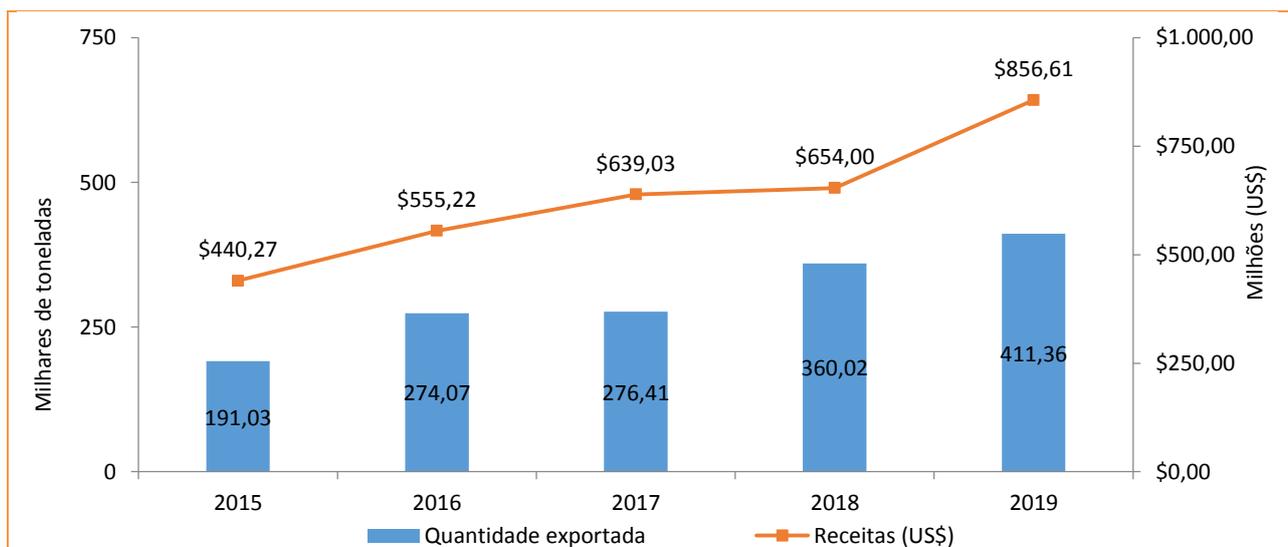


Figura 7. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas – 2015/2019

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Santa Catarina foi responsável por **55,80%** da quantidade e **54,13%** das receitas brasileiras com exportação de carne suína em 2019.

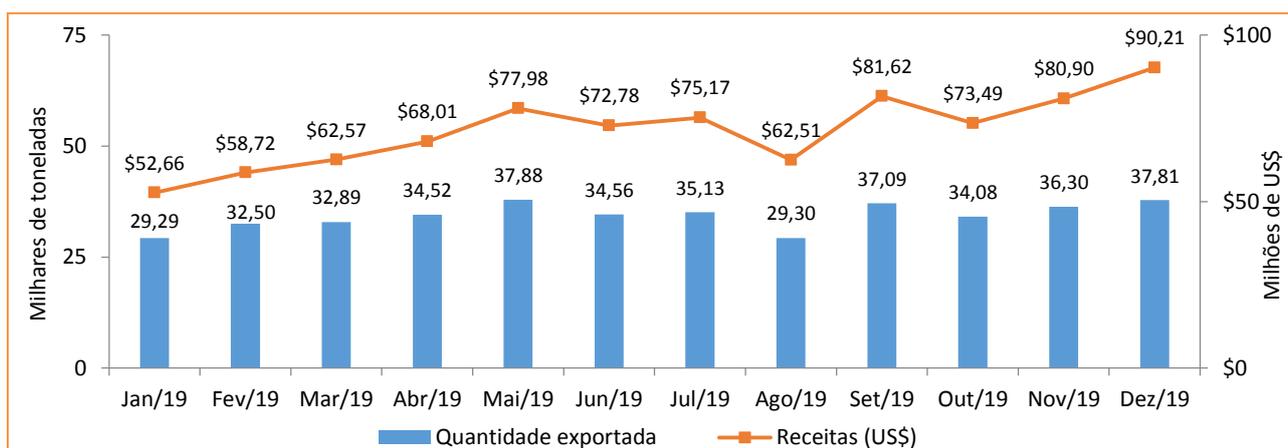


Figura 7. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas – 2019

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Em 2019, Santa Catarina exportou carne suína para 68 países. Os cinco principais destinos foram responsáveis por 70,34% dos embarques e 72,05% das receitas.

Tabela 1. Santa Catarina: Principais destinos das exportações de carne suína – 2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	414.201.076,00	183.953.132
Hong Kong	106.300.914,00	61.034.369
Chile	96.664.231,00	44.377.825
Argentina	32.561.300,00	13.580.743
Rússia	24.195.483,00	9.228.211
Demais países	182.683.056,00	99.184.501
Total	856.606.060,00	411.358.781

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Os bons resultados de 2019 devem-se, principalmente, ao crescimento dos embarques para a China, em decorrência do surto de PSA que atinge aquele país, conforme já mencionado. Em relação a 2018, as exportações para a China cresceram 60,80% em quantidade e 88,8% em valor. China e Hong Kong responderam por 60,76% das receitas catarinenses com exportação de carne suína em 2019.

Também merecem destaque as altas registradas nas exportações catarinenses para o Chile (39,31% em valor e 28,53% em quantidade), Rússia (2.857,57% e 2.957,98%), Japão (197,14% e 192,23%) e Coreia do Sul (588,52% e 497,53%). Em relação à Rússia, é importante lembrar que os embarques para aquele país, que já foi o principal destino da carne suína catarinense, estiveram suspensos durante quase todo o ano de 2018, o que explica os percentuais de crescimento registrados.

Peste suína africana (PSA)

Desde agosto de 2018 a China enfrenta um grave surto de peste suína africana (PSA) que foi responsável pela redução de cerca de 40% no rebanho suíno chinês, segundo as informações mais recentes divulgadas pelo Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais daquele país.

Além da China, a doença atinge outros dez países asiáticos: Camboja, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Laos, Mongólia, Myanmar, Timor Leste e Vietnã. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), desde o início da crise já foram detectados cerca de 570 focos de PSA, resultando na eliminação de mais de 7,77 milhões de suínos por causa do surto da doença que atinge o continente. Os dados da FAO divergem das estimativas de analistas de mercado, pois contabilizam somente os números divulgados pelos órgãos oficiais de cada país.

Perspectivas para 2020

Há praticamente um consenso de que 2020 será um ano positivo para o setor suinícola. As projeções do Rabobank reforçam essa perspectiva: alta de 4,11% na produção e de 14,50% no volume exportado. Com isso, neste ano deve-se registrar novo recorde nas exportações brasileiras de carne suína. A principal razão para esse cenário otimista é a continuidade da crise sanitária decorrente da peste suína africana (PSA) na China, fator que deve seguir afetando o mercado global.

De forma semelhante, o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) avalia que a forte demanda internacional deve continuar a sustentar os preços das carnes no mercado brasileiro durante este ano. A elevação nos preços da carne bovina no último trimestre de 2019 e a manutenção de patamares elevados durante este ano, pode fazer com que parte dos consumidores migre para proteínas mais competitivas, como a suína e a de frango, avalia o Cepea. Esse fenômeno deve provocar um aumento da demanda no mercado interno, pressionando os preços para cima.

De acordo com projeções da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a produção brasileira de carne suína deve crescer entre 3% e 4% em 2020. Já as exportações devem apresentar crescimento de 15% a 20%.

Dezesseis plantas frigoríficas de carne suína do Brasil estão autorizadas a exportar para a China atualmente, havendo expectativa de habilitação de novas unidades.

Em relatório publicado em outubro de 2019, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estimou crescimento de 4,53% na produção brasileira de suínos e de 20% nas exportações em 2020.

Tendo em vista seu status sanitário diferenciado e a excelência de sua agroindústria de carnes, Santa Catarina apresenta condições de atender parte significativa desta demanda adicional e ampliar ainda mais suas exportações.

Segundo relatório divulgado pelo Rabobank, o plantel de suínos na China deve crescer até 8% em 2020 em relação ao ano anterior. O banco espera que o número de animais continue diminuindo no primeiro semestre deste ano e que os estoques comecem a ser recompostos na segunda metade do ano. Em 2019, o plantel chinês diminuiu cerca de 55%, estima o Rabobank. Como criadores estão retendo matrizes para produção futura, a escassez de animais para abate deve se agravar em 2020, fazendo com que a oferta de carne suína caia cerca de 15% em comparação a 2019.

Por outro lado, o governo chinês informou que espera restaurar 80% de sua oferta doméstica de carne suína até o fim de 2020. O Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais da China estima que cerca de 40% do plantel de suínos do país foi dizimado pela PSA.

Não obstante as boas perspectivas em relação ao crescimento das exportações e à manutenção de preços ao produtor mais compensatórios, um fator que deve preocupar o setor ao longo deste ano é o aumento nos custos de produção. As exportações brasileiras de milho, principal componente das rações, deverão se manter elevadas em 2020, o que diminui a oferta no mercado interno e resulta em alta nos preços do produto. Associado a isso, problemas climáticos em diversas regiões podem resultar em queda na produção do cereal. Por fim, há também perspectivas de aumento na produção de etanol de milho, o que diminui ainda mais a oferta.

Alguns analistas e dirigentes de entidades representativas do setor produtivo também tem chamado a atenção para a necessidade de cautela na elaboração dos planejamentos e investimentos neste ano, uma vez que as projeções de bons resultados em 2020 são quase que totalmente dependentes do mercado externo. Assim, eventuais problemas nas exportações podem ter efeitos significativos sobre toda a cadeia produtiva.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção

Nos próximos meses, o IBGE deve divulgar os dados sobre a quantidade total de leite adquirida no último trimestre de 2019 pelas indústrias inspecionadas do Brasil. A expectativa é que não haja alteração significativa em relação ao que ocorreu até o mês de setembro, significando mais um ano de crescimento abaixo do esperado na produção leiteira nacional. Isto porque, embora os dados disponíveis até setembro mostrem um crescimento de 3,4% sobre 2018, é preciso considerar que boa parte disso é explicada pelo crescimento dos meses de maio e junho, quando a greve dos caminhoneiros, em 2018, impediu o recebimento normal de leite por indústrias de várias regiões brasileiras (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas - 2014-19

UF	Bilhão de litros						Var. %	
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2018-19	2014-19
Janeiro	2,229	2,208	2,072	2,101	2,161	2,213	2,4	-0,7
Fevereiro	1,922	1,900	1,892	1,833	1,890	1,936	2,4	0,7
Março	2,038	2,028	1,898	1,928	1,968	2,065	4,9	1,3
Abril	1,911	1,851	1,749	1,812	1,873	1,921	2,6	0,6
Maió	1,948	1,886	1,742	1,907	1,734	1,964	13,3	0,8
Junho	1,939	1,908	1,728	1,929	1,872	1,970	5,2	1,6
Julho	2,018	1,985	1,897	2,058	2,036	2,080	2,1	3,1
Agosto	2,124	2,018	1,989	2,118	2,120	2,133	0,6	0,4
Setembro	2,085	1,988	1,963	2,103	2,100	2,081	-0,9	-0,2
Até setembro	18,214	17,772	16,930	17,789	17,754	18,363	3,4	0,8
Outubro	2,119	2,074	2,048	2,141	2,222			
Novembro	2,152	2,066	2,052	2,154	2,210			
Dezembro	2,262	2,151	2,140	2,250	2,271			
Total	24,747	24,062	23,170	24,334	24,458			

Nota: 2018 e 2019 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Tivesse sido normal o recebimento de leite pelas indústrias brasileiras nos meses de maio e junho de 2018, o crescimento até setembro teria ficado próximo de 2%. Ainda que se olhe de maneira otimista para o desempenho da produção leiteira nacional dos anos recentes (que cresceu de 2016 para 2017, de 2017 para 2018 e de 2018 para 2019), o fato é que apenas no ano passado a quantidade de leite recebida pelas indústrias inspecionadas deve ter superado o recorde de 24,747 bilhões de litros de 2014 (a expectativa é de que os números a serem divulgados pelo IBGE confirmem isso). Com isso, houve sensível redução na disponibilidade per capita de leite proveniente da produção nacional (em litros/habitante/ano), já que o IBGE estima que a população residente no Brasil aumentou em 8,429 milhões de pessoas de 2014 para 2019 (passou de 201,718 milhões para 210,147 milhões de habitantes).

No âmbito dos estados, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias tem variado expressivamente ao longo dos anos. Tomando por base os dez estados maiores produtores de leite, a comparação entre 2018 e

2014 mostra que em seis (MG, RS, GO, RO, MT e PA) houve redução e em quatro (PR, SP, SC e BA) ocorreu aumento da quantidade de leite adquirida (Tabela 2).

Tabela 2. Leite cru – Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas - 2014-19

UF	Bilhão de litros					Até setembro		Variação %	
	2014	2015	2016	2017	2018	2018	2019	Até set. 2018-19	2014-18
MG	6,590	6,442	6,106	5,990	6,072	4,401	4,574	3,9	-7,9
RS	3,431	3,488	3,250	3,426	3,389	2,489	2,469	-0,8	-1,2
PR	2,972	2,838	2,744	2,935	3,092	2,249	2,419	7,5	4,0
SP	2,525	2,607	2,559	2,872	2,728	2,005	2,026	1,0	8,0
SC	2,340	2,348	2,438	2,758	2,723	1,963	2,025	3,2	16,4
GO	2,685	2,450	2,313	2,465	2,526	1,803	1,925	6,8	-5,9
Outras	4,205	3,888	3,759	3,888	3,929	2,845	2,925	2,8	-6,6
Brasil	24,747	24,062	23,170	24,334	24,458	17,754	18,363	3,4	-1,2

Nota: 2018 e 2019 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Balança comercial

Além do crescimento pouco significativo da oferta pela produção interna, houve também redução no saldo negativo da balança comercial de lácteos. Como em 2019 a quantidade importada decresceu 7% e a exportada aumentou 6,3%, foi o terceiro ano consecutivo de queda no saldo negativo da balança comercial brasileira de lácteos (Tabela 3). Em 2016, as importações foram um recorde dos últimos anos (242,6 mil toneladas) e o saldo negativo foi de 190 mil toneladas.

Tabela 3. Balança comercial brasileira de lácteos – 2017-19

Mês	Toneladas								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2017	2018	2019	2017	2018	2019	2017	2018	2019
Janeiro	18.960	8.366	13.649	3.897	2.068	1.691	-15.063	-6.298	-11.958
Fevereiro	16.312	10.332	16.046	3.594	2.263	2.329	-12.718	-8.069	-13.717
Março	15.467	9.029	10.689	4.620	2.228	2.897	-10.847	-6.801	-7.792
Abril	13.536	11.965	10.864	1.609	1.343	1.661	-11.927	-10.622	-9.203
Mai	17.700	13.418	13.729	2.260	712	1.953	-15.440	-12.706	-11.776
Junho	17.338	11.077	10.954	3.596	1.042	1.489	-13.742	-10.035	-9.465
Julho	16.027	13.848	9.949	2.326	1.127	1.749	-13.701	-12.721	-8.200
Agosto	13.472	13.266	9.858	2.866	2.018	1.844	-10.606	-11.248	-8.014
Setembro	10.400	11.863	12.759	2.493	2.653	2.035	-7.907	-9.210	-10.724
Outubro	8.968	18.471	9.777	2.252	1.919	1.960	-6.716	-16.552	-7.817
Novembro	9.093	17.919	10.826	4.336	2.207	2.074	-4.757	-15.712	-8.752
Dezembro	9.057	10.285	10.235	2.191	2.664	1.963	-6.866	-7.621	-8.272
Total	166.330	149.839	139.335	36.040	22.244	23.645	-130.290	-127.595	-115.690

Fonte: MDIC/SECEX – ComexStat.

Preços

Os preços de referência do Conseleite/SC indicam que 2019 foi um ano relativamente atípico em termos de flutuações de preços. O menor preço de referência foi o de outubro (R\$ 1,1516/l) e o maior o de maio (R\$

1,2535/l), com diferença de apenas 8,8%. Nos anos anteriores, as oscilações foram bem mais significativas. A mais expressiva se deu em 2016, quando o menor preço de referência foi o de janeiro (R\$ 0,9546/l) e o maior o de julho (R\$ 1,5500/l), este o maior preço de referência do histórico do Conseleite/SC, com diferença de 62,4% (Tabela 1).

Tabela 3. Leite padrão – Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina – 2016-19

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%) 2018-19
	2016	2017	2018	2019	
Janeiro	0,9546	1,0783	0,9695	1,1659	20,3
Fevereiro	1,0154	1,1096	1,0128	1,2309	21,5
Março	1,0652	1,1412	1,0857	1,1957	10,1
Abril	1,1166	1,1693	1,1295	1,2185	7,9
Mai	1,1430	1,1733	1,1522	1,2535	8,8
Junho	1,3363	1,1394	1,3454	1,2036	-10,5
Julho	1,5500	1,0617	1,4050	1,1560	-17,7
Agosto	1,3248	1,0189	1,2997	1,1918	-8,3
Setembro	1,1051	0,9374	1,2582	1,1767	-6,5
Outubro	1,0461	0,9550	1,2351	1,1516	-6,8
Novembro	0,9993	0,9977	1,1358	1,1779	3,7
Dezembro	1,0333	0,9788	1,1228	1,2142	8,1
Média anual	1,1408	1,0634	1,1793	1,1947	1,3

Nota: Dezembro/2019: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Mais um aspecto relativamente atípico nos preços de referência do Conseleite/SC, em 2019, foi a recuperação que tiveram de outubro para novembro e de novembro para dezembro. Com isto, o preço de dezembro foi projetado em R\$ 1,2142/l, valor pouco abaixo do de maio, R\$ 1,2535/l, que foi o pico do ano. Como o preço de referência mensal do Conseleite serve de base para o preço que os produtores receberão no mês seguinte, a expectativa é de que os preços recebidos pelos produtores catarinenses sejam melhores em janeiro de 2020 do que foram em dezembro de 2019 (Tabela 4).

Tabela 4. Leite: Santa Catarina - preço médio¹ aos produtores - 2016-19

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%) 2018-19
	2016	2017	2018	2019	
Janeiro	0,91	1,10	0,94	1,10	17,0
Fevereiro	0,95	1,20	0,94	1,17	24,5
Março	1,02	1,25	0,96	1,26	31,3
Abril	1,07	1,28	1,01	1,28	26,7
Mai	1,11	1,29	1,09	1,33	22,0
Junho	1,19	1,29	1,14	1,33	16,7
Julho	1,29	1,25	1,30	1,23	-5,4
Agosto	1,52	1,13	1,35	1,19	-11,9
Setembro	1,41	0,99	1,31	1,20	-8,4
Outubro	1,24	0,91	1,28	1,20	-6,3
Novembro	1,10	0,92	1,24	1,18	-4,8
Dezembro	1,08	0,95	1,11	1,18	6,3
Média anual	1,16	1,13	1,14	1,22	7,2

Nota: ¹ Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.